

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

A IMPORTÂNCIA DOS PROGRAMAS DE APRENDIZADO ECONÔMICO NA
FORMAÇÃO DA “NOVA CLASSE MÉDIA” NORDESTINA

Rodrigo Dutra da Silva

Texto submetido à avaliação da banca
examinadora para a defesa da dissertação de
mestrado.

Orientador: Professor Doutor Jessé José Freire de Souza

Outubro de 2013

Rodrigo Dutra da Silva

A IMPORTÂNCIA DOS PROGRAMAS DE APRENDIZADO ECONÔMICO NA
FORMAÇÃO DA “NOVA CLASSE MÉDIA” NORDESTINA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós –
Graduação em Ciências Sociais, Área de Concentração:
Cultura, Democracia e Instituições, da Universidade
Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para a
obtenção do grau de Mestre.

Aprovada em 15 de Outubro de 2013.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Doutor Jessé José Freire de Souza - Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Doutor Eduardo Magrone
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Doutor Fabrício Barbosa Maciel
Universidade Candido Mendes

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é interpretar de forma alternativa à visão puramente estatística dos benefícios trazidos pelo aprendizado econômico nas classes da base da pirâmide social brasileira. Para este fim pesquisamos dois programas que são responsáveis pelo aprendizado econômico em duas classes específicas, o Programa Bolsa Família, responsável pela classe D e E ou provocativamente chamada de Ralé, e o Programa CrediAmigo, responsável pela dita Nova Classe Média, ou como preferimos chamar, Nova Classe trabalhadora. O enfoque da pesquisa se baseou em pesquisas qualitativas e a metodologia de trabalho utilizou como base as teorias de Pierre Bourdieu, Charles Taylor e a metodologia de pesquisa de Bernard Lahire.

Palavras-chave: Programas Sociais, Bolsa Família, CrediAmigo, Aprendizado Econômico

ABSTRACT

The main objective of this work is to interpret alternatively to statistic viem of the benefits of economic learning in two social classes of Brazilizan social pyramid base. This research focused in two programs that are responsible for economic learning in two specific social classes, the Bolsa Família Program, responsible for the D an E classes or provocatively called Ralé (ramble), and CrediAmigo Program, responsible for the so-called New Middle Class, or as we prefer to call, New Working Class. The focus of this research was based on qualitative research and the work methodology based on the theories of Pierre Bourdieu, Charles Taylor and the research methodology Bernard Lahire.

Keywords: Social Programs, Bolsa Família, CrediAmigo, Economic Learning

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 O NORDESTE NO CONTEXTO BRASILEIRO	12
1.1 NORDESTE EM TRANSFORMAÇÃO, ESTATÍSTICAS E CONSTRUÇÃO DO SUCESSO ECONÔMICO BRASILEIRO	23
2 LENHA NA FOGUEIRA: DESMISTIFICANDO O PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA	30
3 APÓS O APRENDIZADO VEM A PRÁTICA: COMPREENDENDO OS PROGRAMAS DE MICROCRÉDITO NA DINÂMICA DE CRESCIMENTO ECONOMICO	35
4 METODOLOGIA DE PESQUISA	41
4.1 PESQUISA, MÉTODO E CRITÉRIOS PARA OBSERVAÇÃO DAS DISPOSIÇÕES.....	45
5 ARSENAL TEÓRICO: PIERRE BOURDIEU E CHARLES TAYLOR	52
5.1 CHARLES TAYLOR E A HIERARQUIZAÇÃO DE VALORES	52
5.2 PIERRE BOURDIEU E A TEORIA DO HABITUS.....	58
5.3 TAYLOR E BOURDIEU: UNIÃO DE CONTEXTOS PARA A APREENSÃO DE UMA OBSCURECIDA REALIDADE.....	68
6 ENTREVISTA FLORENI: “DO TRABALHO E DA EXPERIÊNCIA, APRENDEU O HOMEM A CIÊNCIA”	71
7 ENTREVISTA ANA RITA: “ONDE NÃO SE TIRA, NÃO SE COLOCA, É ASSIM QUE DIZ O DITADO NÉ?”	77
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS	89

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Tabela 1 – Participação (%) das grandes regiões do Produto Interno Bruto – 2002 - 2008	24
Quadro 1 – Renda domiciliar per capita	27
Quadro 2 – Renda domiciliar per capita	28
Quadro 3 – Configuração de capitais por classe social	65

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo analisar os programas de redistribuição de renda, em especial o *Bolsa Família*, e os programas de microcrédito, em particular, o Programa *CrediAmigo* no que tange ao aprendizado econômico de classes menos favorecidas e uma espécie de incorporador de habilidades, e assim, favorecendo a formação do que a mídia convencionou chamar de Nova Classe Média Brasileira.

A região Nordeste foi escolhida para este estudo por demonstrar os maiores índices de ascensão social por esta Nova Classe Média e concentrar a uma parcela considerável de ambos os programas. Além deste fato, por sua carência que vem desde o fim das monoculturas escravistas, vemos que a noção de indivíduo, importante componente para a ascensão social é extremamente debilitada. Por este fato além de um aprendizado econômico, estes programas interferiram de maneira crucial na autoestima dos indivíduos desta região, que conseguiram dar alguns passos além da instabilidade social que assola suas vidas, desde os mais tenros anos de idade.

Iniciaremos o texto com algumas considerações econômicas, sociais e algumas explicações sobre as diferenças na visibilidade social dos nordestinos no contexto brasileiro, importante fator para desvalorização social que é de fundamental entendimento.

No capítulo 1 desse trabalho retomamos conceitos das obras de Jessé Souza, dados acerca da realidade socioeconômica da população brasileira considerando o trabalho desenvolvido por Marcelo Neri.

Já no capítulo 2 discorreremos sobre as características do Programa Bolsa Família, um programa de transferência de renda que sofre duras críticas por sua característica de transferência de renda e que acreditamos ter efeitos colaterais positivos de aprendizado econômico.

Em seguida, no capítulo 3 desenvolvemos uma breve explanação sobre os programas de microcrédito e em especial o Programa *CrediAmigo* do Banco do Nordeste que possui uma vasta carteira de clientes, muitos destes oriundos do Bolsa Família, e utilizando os dados de Marcelo Neri da Fundação Getúlio Vargas, podemos fazer uma análise da importância deste movimento entre Programas Sociais.

Nos capítulos 4, 5 e 6 discorreremos sobre o arsenal teórico do qual se valeu este trabalho, abordando as obras de Bernard Lahire e sua metodologia de pesquisa, Charles Taylor e a Hierarquização Social e Pierre Bourdieu e a Teoria do Habitus, respectivamente.

Em dois capítulos, especificamente 7 e 8, temos os relatos colhidos em diferentes cidades nordestinas com integrantes tanto do *Bolsa Família*, bem como do Programa *CrediAmigo*, relatando suas rotinas, dificuldades e como é possível uma relação entre esta experiência e a melhoria de sua experiência social, como é benéfica a oportunidade de participar destes programas distintos não só pela renda recebida, mas também aprender a interagir em esferas sociais relativamente novas em suas vidas.

E ao fim concluímos este texto com nossas observações e ideias sobre o tema proposto.

1 O NORDESTE NO CONTEXTO BRASILEIRO

No Brasil, o valor diferencial das regiões geográficas se faz presente, principalmente no que diz respeito aos aspectos socioeconômicos. Esta construção, muito antes de uma característica a ser encontrada nas mais diversas nações do globo, faz parte de uma das facetas da dominação simbólica¹. Analisando as relações entre as regiões brasileiras, vemos a noção de indivíduo ser derivada destes critérios de valor, estabelecidos através das relações sociais e do seu respectivo valor dentro da nação.

A classificação ou desclassificação dos indivíduos nasce pronta e dada, diante de critérios atribuídos pela elite das sociedades modernas, ceifando o potencial de desenvolvimento a partir dos rótulos que circulam no ideário nacional.²

Boa parte da evolução obtida pelos países desenvolvidos, o politicamente incorreto “primeiro mundo”, vem da horizontalização da noção de indivíduo difundida na própria ideia que a nação formula sobre si, e não apenas nas garantias jurídicas que são derrubadas pela má fé institucional diuturnamente por todo o Brasil. Segundo Jessé Souza (2006, p. 175) “o que existe aqui são acordos e consenso sociais miúdos e subliminares, mas por isso mesmo tanto mais eficazes que articulam como que por meio de fios invisíveis, solidariedades e preconceitos profundos e invisíveis.”

Há uma tendência de subvalorização das pessoas oriundas dessas regiões precarizadas, como o nordeste, justamente por esta incapacidade de lidar com situações e momentos econômicos mais avançados. Esta incapacidade, obscurecida sob o véu da meritocracia que premia os melhores desempenhos individuais colocam estas pessoas em uma séria desvantagem na luta pelos bens simbólicos que definem uma vida digna.

No decorrer deste trabalho, veremos que o abandono institucional, aliado a uma deficiência econômica em determinadas localidades do Nordeste do Brasil, fazem com que os indivíduos formem de maneira ineficaz o seu arsenal simbólico de conhecimentos para a vida.

Esta construção social de uma região é em grande parte responsável por classificar indivíduos como abaixo das médias esperadas, agindo contra sua autoconfiança, forçando uma massa de pessoas que não tiveram a sorte de nascer sob uma classificação favorável, a permanecer em desvantagem na luta pelos bens escassos que a sociedade oferece.

¹ Conceito do autor Pierre Bourdieu (1995). O sociólogo afirma que “uma relação desigual de poder comporta uma aceitação dos grupos dominados, não sendo necessariamente uma aceitação consciente e deliberada, mas principalmente de submissão pré-reflexiva.”

² SOUZA, Jessé. *A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2003

Com esse déficit justificando o preconceito regional, sobrevalorizando o sudeste, o centro econômico brasileiro, abandona e desvaloriza os incentivos e políticas dispensadas ao nordeste, fazendo com que as iniciativas que pudessem equalizar esse baixo desempenho de um arsenal simbólico pouco eficaz não sejam levadas a cabo. O abandono institucional por parte de governos ligados aos setores produtivos, e senso comum imbuído do espírito meritocrático, abandonaram boa parte dos nordestinos para o limbo da sociedade, e especialmente para longe dos nichos produtivos, capazes de produzir a dignidade, empregada no sentido de utilizado por Charles Taylor, e explicado posteriormente.

Prova deste abandono é a propaganda largamente apoiada pelos setores médios da sociedade contra programas de redistribuição de renda como o *Bolsa Família*³, onde estes são classificados como arrimos para a “vagabundagem” e deixam indivíduos mal acostumados com o paternalismo governamental, além de, no âmbito da disputa eleitoral, estas políticas serem taxadas de eleitoreiras e demagógicas.

Não reconhecer a desigualdade de formação na origem, e a necessidade de se complementar a renda de famílias desestruturadas, para que estas possam compensar o déficit no provimento das necessidades básicas via mercado de trabalho, é não aceitar a gênese desigual dos indivíduos. Encontramos argumentos sólidos desta gênese diferencial dos indivíduos na obra *A Construção Social da Subcidadania*⁴ de Jessé Souza.

Aceitar que uma região que normalmente é citada como atrasada e dependente do “eixo econômico” estabelecido demonstrou um crescimento acima das regiões que no ideário do senso comum formam a elite econômica brasileira é uma etapa que se faz duplamente difícil. Primeiramente porque todo esse valor é construído por uma esquematização, no sentido empregado por Charles Taylor e obra, no qual as explicações são dadas para justificar uma realidade social observada – na grande maioria das vezes pró-classes privilegiadas – e fazer que o senso comum absorva essas categorizações como normais e corriqueiras.

A eficácia dessa desigualdade simbólica é mais importante do que as ideias em si, qualquer argumento seria válido desde que mantivesse essa desigualdade ativa uma vez que a legitimação faz com que a população compreenda essa ideia como aceitável, independente de seu conteúdo. Em segundo lugar, aceitar uma baixa de índices da região que se acredita a mais desenvolvida requer todo um exercício de reconstrução dos mecanismos que

³ O *Bolsa Família* é uma renda mensal disponibilizada pelo governo às famílias mais carentes. A renda varia de acordo com o número de crianças na família, e para que o auxílio seja recebido, as crianças devem estar frequentando a escola regularmente e ter as vacinações em dia.

⁴ SOUZA, Jessé. *A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006

proporcionaram o crescimento desta região marginalizada pela nação e explicar como as regiões privilegiadas perderam seu espaço para um “rival”, o “primo pobre”⁵ que conseguiu arquitetar uma estratégia de desenvolvimento com uma base marcada pela precariedade.

Com base nas explicações teóricas e em vários casos já coletados por pesquisadores e também em nosso estudo, veremos como o Nordeste, uma região marcada no ideário nacional como pobre, subdesenvolvida e precária, conseguiu demonstrar um crescimento acima da região Sudeste em vários indicadores sociais, e contribuiu fortemente para o novo fenômeno tão caro aos centros de pesquisa social: o crescimento do que se convencionou a chamar de “nova classe média” brasileira⁶.

Gostaríamos de salientar aqui que na reconstrução do cenário proposto para o Nordeste, utilizamos categorias que nem sempre se adéquam à realidade apresentada quando se conhece a região e suas peculiaridades. Há regiões muito ricas que em nada lembram o que retratamos como este “perfil nordestino”. Há regiões ricas, com grande abundância de recursos como a zona costeira onde se situam as capitais, regiões com uma forte economia centrada no setor secundário como indústrias de infraestrutura e setor de serviços, mas a grande maioria ainda passa por problemas primários, que poderiam ser resolvidos com políticas simples de correção das assimetrias, como propomos neste trabalho.

Se seguíssemos os argumentos do senso comum difundido fortemente nos meios de comunicação e embasados pelos especialistas e seu fetiche em estatísticas – que na verdade são os grandes arquitetos deste senso comum – diríamos que foi com o trabalho duro e a vontade de crescer economicamente, buscando a tão sonhada dignidade, conceito que veremos adiante no capítulo sobre Charles Taylor, que uma parcela inteira da população brasileira conseguiu atingir os critérios econômicos que os fazem merecedores do rótulo de “nova classe média”.

Dignidade aqui pode ser entendida como a possibilidade de igualdade tornada eficaz. Podemos aqui compreender esta disposição de duas formas distintas, mas complementares entre si. A primeira delas é entendida aqui como força de vontade motivadora do trabalho, fazendo com que este seja executado a qualquer custo. Outro entendimento segue o uso empregado por Pierre Bourdieu (1995) e utilizado com maestria por Bernard Lahire (2007): características inculcadas socialmente por uma formação de um capital social, que elege as melhores escolhas a serem feitas em determinado tempo. Se estas disposições, em ambas as

⁵ Expressão do senso comum

interpretações, já estava nos indivíduos que foram à mola propulsora deste crescimento econômico brasileiro, por que o mesmo não ocorrera anteriormente?

Diferentemente do ponto de partida que apoia a ideologia do mérito, largamente empregada em todos os discursos que legitimam toda a estrutura da desigualdade social brasileira – diga-se de passagem, uma das maiores do mundo – nosso ponto de partida da investigação proposta neste texto é: quais mudanças ocorreram no cenário social brasileiro e especialmente no Nordeste para que proporcionassem um crescimento maior e, por conseguinte, introduzir uma boa parte dos indivíduos marcados anteriormente pela precariedade econômica nos critérios econômicos da faixa C de renda.

Para enfatizar as mudanças é necessário primeiramente explicar o ponto de vista utilizado por nós para delimitar estes acontecimentos. Chamamos de discurso meritocrático a forma mais difundida de classificação social, e aceita como a melhor e mais justa possível, onde a sociedade premia os mais diversos indivíduos pelo seu desempenho individual.

No discurso meritocrático todos os indivíduos são dotados de iguais condições para a disputa das ocupações disponíveis no mercado produtivo, onde os mais bem preparados e mais aptos são alocados em posições melhores, e estas avaliadas pelo prestígio social e remuneração. Os indivíduos que não conseguirem ocupar estas posições, tão propagandeadas pelos meios de comunicação e introduzidas imediatamente aos discursos familiares – “Meu filho, você tem que estudar para ser alguém na vida, um doutor, um funcionário público...”, se martirizam com a culpa de não ter se esforçado o bastante e por isso “ter dado mole”. “A ideologia do desempenho funcionaria assim como uma espécie de legitimação subpolítica incrustada no cotidiano, refletindo a eficácia de princípios funcionais ancorados em instituições opacas e intransparentes como mercado e Estado.” (Jessé Souza, 2006: 170).

Mas o que vemos na brilhante obra de Jessé Souza (2009), *A ralé brasileira: quem é e como vive*⁷ é a tentativa de retirar o véu da ignorância jogado sobre esta ideologia do mérito, construindo criticamente uma sociologia que investigue e desmistifique os mecanismos por trás de desigualdade social.

Seguindo esta linha de argumentação, vemos na sociologia de Pierre Bourdieu, nosso apoio para buscar justamente o que mudou na sociedade atual, e especialmente no caso nordestino. É importante ver as alterações e o que foi agregado aos valores ou capacidades nestes cidadãos, e que por ventura fizeram com que estes buscassem alternativas econômicas

⁷ SOUZA, Jessé. *A ralé brasileira: quem é e como vive* / Jessé Souza ; colaboradores André Grillo... [et all] – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

para fugir da subcidadania e encontrar alguma ocupação disponível no atual capitalismo flexível.

Sob este contexto, destaca-se a figura da nova classe trabalhadora, os *Batalhadores brasileiros* batizados assim por Jessé Souza (2009). São pessoas que muito diferentemente do que tradicionalmente se chama de classe média conseguiram lograr algum sucesso e conquistar um pouco de estabilidade social por meio de muito trabalho. Quando falamos de muito trabalho, podemos elevar esta afirmação a patamares mais altos, como em vários dos exemplos demonstrados no livro que leva o nome desta classe, de pessoas que enfrentam 2 empregos, jornadas de 14, 16 horas a fio para escapar da instabilidade social.

“Matar um leão por dia” é uma frase cara ao ideário de uma grande parcela de brasileiros acostumados a um dia a dia de trabalho duro, e que não por acaso se entrecruza com o cotidiano da sociologia crítica, que tem como objetivo compreender “não apenas os dramas, mas os prazeres” de uma sociedade e de suas parcelas por esta vertente retratadas. Esta relação é possível ao nos depararmos com o novo livro de Jessé Souza e colaboradores.

O livro retrata e desmistifica o perfil da nova classe trabalhadora brasileira, que é descrita pela literatura dominante como “nova classe média”, favorecendo um entendimento parcial e incorreto do novo momento econômico vivido atualmente no Brasil. Aqui temos a relação entre a dura rotina de trabalho desta nova “classe social” e o pensamento proposto por Jessé Souza e sua articulação de conceitos para apreender tal realidade: abandonar as categorias fundadas em preconceitos de classe e em conceitos ultrapassados e, com um árduo trabalho que contemple teoria e pesquisa empírica, buscar explicações novas e plausíveis, dotadas de um enfoque crítico e imparcial para a compreensão de um momento incontestavelmente novo.

Parte deste arsenal que dá suporte à sua refinada sociologia crítica reside em compreender como os novos arranjos institucionais e econômicos são incorporados e tornados “carne e osso”, assim entrando inegavelmente em prática na sociedade. Falar em uma nova classe brasileira, tachada prematuramente de “nova classe média”, é utilizar mecanismos tacanhos e acrílicos, dignos de uma pseudociência rasa e pouco analítica.

O conceito de classe é de importância primordial para o entendimento da crítica e da teoria propostas neste livro, uma vez que as duas vertentes que concorrem na designação deste conceito na sociedade brasileira se escondem em critérios incompletos, que obscurecem sua real compreensão, tornada possível pela sociologia crítica. A primeira vertente, economicista, conservadora, de direita, aplica o conceito de classe em relação à renda, independentemente de outros fatores, como origem social e situação familiar, repousando no senso comum do

mundo moderno, onde os homens são soltos e desconexos, sem vínculos com suas origens, podendo se valer apenas de sua relação com a renda obtida para a construção de sua identidade social.

A segunda vertente vem de um enfoque diametralmente oposto politicamente, de uma esquerda envelhecida que não reconhece sua imobilidade no tempo e não assume a cicatriz narcísica de se desprender de críticas ultrapassadas do mundo como ele é; esquerda esta que considera como aspecto principal da classificação por classes o lugar ocupado pelo cidadão na cadeia produtiva.

O que ambas as concepções de classe fazem é esconder o principal aspecto que faz a noção de classe social crucial para o trabalho da sociologia crítica: esconder a gênese sociocultural destas classes, fundamento imaterial que embasa relações sociais assimétricas que, uma vez tornadas opacas pelo senso comum — o qual propaga a classificação dos indivíduos em taxas de conversão de renda, pela “direita”, e ocupação na cadeia produtiva, pela “esquerda” —, confere validade científica e legitimação a uma das sociedades mais desiguais do mundo. Toda a herança imaterial, que é recebida e tornada pré-reflexiva pelo convívio, relações afetivas e socialização dentro de um *ethos* de classe, é tornada invisível, facilitando a dominação e a opressão de indivíduos que não têm dúvidas em assumir a culpa pela incapacidade na disputa por melhores condições de vida.

Distante de caracteres econômicos, vemos na construção do conceito de classe proposto no livro que dinheiro, puramente, não fornece o substrato que confere valor aos indivíduos. É o capital cultural que opera na distinção entre as classes. Apesar da importância do capital financeiro, as classes estabelecidas se valem de um “estilo de vida” e ainda de algum capital cultural para que assim se tornem distintas dos novos ricos, sem modos, conhecimentos, atitudes e práticas consideradas “de bom tom” pelos integrantes deste seletivo círculo social.

Na classe média “tradicional”, este comportamento se mostra preponderante na capacitação de indivíduos que disputarão as melhores colocações, com vantagens competitivas obscurecidas pelo economicismo. Noções “ensinadas” dentro de casa permitem a incorporação das características mais importantes para a aquisição do capital cultural: “disposição para o aprendizado, concentração e disciplina”. Diante de exemplos domésticos, como leituras de livros, operação de computadores e prática de línguas estrangeiras, por exemplo, esta classe arma seus descendentes com as melhores qualidades, que embasarão todo o diferencial competitivo e, assim, realimentarão todo o círculo de privilégios dominados por esta parcela da sociedade.

Neste livro, o mero distanciamento do paradigma puramente econômico para a definição de classes sociais não é a única contribuição de peso para a compreensão da realidade brasileira, desempenhada com maestria por Jessé Souza. Entender como estas práticas se perpetuam ou se modificam, criando classes sociais novas dentro do panorama institucional e econômico brasileiro, é uma outra importante e árdua tarefa a ser desempenhada pela sociologia crítica, ou seja, mais um leão a ser morto.

O capitalismo é a categoria chave utilizada para a compreensão da sociedade moderna, e uma análise crítica do *modus operandi* deste capitalismo é parte importante do movimento de reconstrução dos sentidos e movimentos desta sociedade. Com uma bem articulada síntese entre o pensamento de Max Weber e Luc Boltansky, há a compreensão da necessidade de um “espírito do capitalismo” para a aceitação e legitimação de um caractere irracional que passa a ser o agente principal do capitalismo moderno: a acumulação do capital. Esta acumulação não tem como fim necessidades humanas ou sociais, servindo apenas como um fim em si mesmo. Esta voraz atividade deteriora os laços sociais, utilizando-se das “desculpas” contempladas neste “espírito” para que toda a sociedade aceite complacentemente a desigualdade de forças na luta por esta acumulação primitiva de capital.

Uma peculiaridade que torna o capitalismo uma força sem precedentes na história das sociedades humanas é sua capacidade de cooptar e valer-se de movimentos ideológicos e sociais contrários às suas ideias. Boa parte do poder de ação deste capitalismo se baseia em apreender e reverter o ataque: todo movimento que tem por intuito o fim do regime econômico funciona como mola propulsora para a instauração do “novo espírito”, legitimando o futuro movimento deste “capitalismo antropofágico”. Nesta legitimação estão inclusas a aceitação ativa e o comprometimento dos atores, fator primordial para sua eficácia simbólica.

Diferentemente do observado originalmente por Max Weber, a legitimação do capitalismo moderno se afasta da moralidade religiosa e se vale da ciência e mais especificamente da economia, ciência estéril e afastada da moralidade, para o engrandecimento, valor e legitimação de seu espectro de ação. Ao lado desta mudança, para a legitimação científica do capitalismo, temos a ideia de bem comum como algo intrínseco à atividade econômica, transformando a imagem do país na figura de uma grande empresa.

Um primeiro passo no intuito de analisar a gênese do capitalismo tem como ponto de partida a produção *fordista*. Este capitalismo, que tem como característica a produção em massa, o controle dos operários por um forte aparato de vigilância e o trabalho repetitivo, logrou sucesso por ser vinculado a bons salários e possibilidades de acesso ao consumo de uma parcela até então distanciada destas possibilidades.

A mudança do padrão *fordista* para o *toyotista* foi desencadeada por uma revolução expressivista, baseada em movimentos fortalecidos pelos filhos das elites do período fordista de produção, que se valeram da boa educação e das boas oportunidades que desfrutavam para embasar as críticas ao modelo de produção pesado e pouco motivador. Aliado a este movimento, uma iniciativa advinda do Japão, uma nação oriental sem tradição na luta de classes, mudou o panorama do capitalismo pesado para o então dominante capitalismo leve e, posteriormente, a vertente financeira.

Seguindo uma linha de argumentação contundente, iniciada em obras anteriores, o autor reconstrói a forma de disseminação da nova ideologia ou espírito do capitalismo: inicia-se nas universidades de países irradiadores de influência e é divulgada por pensadores, jornalistas e formadores de opinião, que apoiam o lado mais forte do poder simbólico. Após esta etapa, esta ideologia ganha as ruas sob a roupagem de senso comum. As novas formas flexíveis e dotadas de uma aura expressivista lograram sucesso em se disseminar pelo mundo e logo demonstraram seu poder de influenciar tanto instituições quanto indivíduos. A classe estabelecida que lançou mão de suas críticas expressivistas ao capitalismo agora ocupa os melhores lugares da disputa por poder simbólico. A visão do Estado sofreu perdas incalculáveis com a visão flexível do capitalismo, que via a economia como geradora de bem comum, não devendo, por esta característica, ser “incomodada” pela intervenção estatal, até então única instância de articulação entre os detentores de poder simbólico e os relegados aos lugares pouco glamorosos do processo produtivo.

Após uma brilhante exposição dos temas tratados acima, as atenções se voltam para a nova classe trabalhadora brasileira, que, ao ser analisada, é substrato para a apreensão do novo momento econômico brasileiro. Uma vez que as classes se reproduzem mediante heranças imateriais e materiais, que estão fortemente ligadas ao panorama institucional e econômico, a análise requer a reconstrução das disposições e comportamentos desta classe, uma reconstrução que, distante de critérios econômicos e produtivos, recompõe todos os encadeamentos sociais que explicam a gênese da classe.

A parte empírica do livro é um atrativo fascinante e primordial para a demonstração da gênese e disposições da nova classe trabalhadora. Um grande esforço de pesquisa mapeou batalhadores que, mesmo recebendo salários díspares, morando em regiões distantes, tanto na zona rural quanto nas cidades, e trabalhando em regimes de produção completamente distintos, contemplam as características chave para a compreensão do perfil social “descoberto” por Jessé Souza e colaboradores. Essa descoberta é feita, uma vez que esta classe, designada originalmente como “nova classe média”, não tem os mesmos valores e

ferramentas simbólicas da classe média “tradicional”. Esta nova classe trabalhadora, investe de maneira tímida, controlada e extremamente vinculada a falta de capital econômico em distinção, não se muda ao alcançar novos patamares de renda e, apesar de viver em um arranjo econômico que enfatiza o capital financeiro de cunho *toyotista*, não está apta ao trabalho flexível nem investe em capacitação continuada para as mudanças do mercado.

O que se observa e se compreende, diante dos exemplos mostrados na pesquisa, é uma nova classe trabalhadora, vítima dos preconceitos de classe que a empurraram para o limbo valorativo da sociedade. Mas esta mesma classe, abandonada institucionalmente (salvo pequenas iniciativas e investimentos em políticas redistributivas e de qualificação desempenhadas pelo Governo Lula), se apropriou da liquefação da produção *fordista* e se adaptou à produção flexível, buscando qualquer nicho possível de sobrevivência. Como resultado desta busca, após um período de aprendizado nesta condição desfavorável, conseguiu aprender a “matar um leão por dia” e assim atribuir algum valor à sua trajetória, incorporando os valiosos aprendizados que a conduzem ao mercado de trabalho: “pensamento e comportamento prospectivos, disciplina e autocontrole”.

Essas armas, advindas do aprendizado árduo na luta por alguma dignidade, ficam claras nas palavras e entrevistas destes batalhadores: conjunção de uma ética do trabalho — duro, sob quaisquer circunstâncias, mesmo em adversas jornadas duplas ou em turnos de até 14 horas — com um autocontrole e uma negação do consumo imediato, criando assim um pensamento prospectivo, que conta com o as migalhas economizadas no hoje para semear o ideal de um amanhã farto, digno e mais ameno.

Da junção destas disposições é possível observar mais um fator importante para a instauração de uma característica típica da nova classe trabalhadora brasileira: o “capital familiar”. Este mecanismo — que propaga os valores da luta incessante contra as condições adversas de trabalho, que visa à dignidade pelo salário recebido, que impõe sérias restrições aos prazeres momentâneos em benefício de um momento futuro, que contempla o bem-estar de toda a família e nunca perde o horizonte de um futuro melhor “possível” — transmite às novas gerações todo o arsenal simbólico de que poderão se valer no atual momento econômico brasileiro.

Aqui é impossível concentrar todo o conteúdo e aprendizado disponíveis neste impressionante livro, que associa empiria e teoria para a reconstrução de uma parte importante do novo momento econômico brasileiro, ou seja, o da consolidação da dominação do capitalismo financeiro. Muito além de desvendar o direcionamento do capitalismo atual no Brasil, este livro é um manual para a compreensão da sociologia crítica, que, longe do âmbito

do senso comum, visa a reconstrução e o real entendimento de uma determinada realidade, com vistas a desvendar toda a opacidade dos critérios parciais de classificação social. E, para tanto, também deve matar um leão por dia.

Diferente do ponto de vista da meritocracia, onde todos concorrem com chances iguais, vemos na gênese da classe, os pressupostos que classificam ou desclassificam as pessoas a chave para entender o que realmente são os batalhadores. O que se observa e se compreende, diante dos exemplos mostrados na pesquisa é que os batalhadores formam um grupo com características muito bem delimitadas que os permitiram conseguir fugir do limbo de sua classe social.

Nesta batalha pela ascensão social contando com um abandono institucional (salvo pequenas iniciativas e investimentos em políticas redistributivas e de qualificação desempenhadas pelo Governo Lula), se apropriou da liquefação da produção *fordista* e se adaptou à produção flexível, buscando qualquer nicho possível de sobrevivência. Como resultado desta busca, após um período de aprendizado nesta condição desfavorável, conseguiram aprender a “matar um leão por dia” e assim atribuir algum valor à sua trajetória, incorporando os valiosos aprendizados que a conduzem ao mercado de trabalho: “pensamento e comportamento prospectivos, disciplina e autocontrole”.

Essas armas, advindas do aprendizado árduo na luta por alguma dignidade, ficam claras nas palavras e entrevistas destes batalhadores: conjunção de uma ética do trabalho — duro, sob quaisquer circunstâncias, mesmo em adversas jornadas duplas ou em turnos de até 14 horas — com um autocontrole e uma negação do consumo imediato, criando assim um pensamento prospectivo, que conta com o as migalhas economizadas no hoje para semear o ideal de um amanhã farto, digno e mais ameno. Da junção destas disposições é possível observar mais um fator importante para a instauração de uma característica típica da nova classe trabalhadora brasileira: o “capital familiar”. Este mecanismo — que propaga os valores da luta incessante contra as condições adversas de trabalho, que visa à dignidade pelo salário recebido, que impõe sérias restrições aos prazeres momentâneos em benefício de um momento futuro, que contempla o bem-estar de toda a família e nunca perde o horizonte de um futuro melhor “possível” — transmite às novas gerações todo o arsenal simbólico de que poderão se valer no atual momento econômico brasileiro.

Retomando o argumento da classificação regional iniciado acima, podemos ver como o valor que circula no senso comum pode denunciar a formação de um *habitus* precário, onde o arsenal criado na gênese dos indivíduos em suas classes, retomando o argumento principal da sociologia de Pierre Bourdieu, faz com que os mesmos se mostrem inaptos para a obtenção dos bens simbólicos em disputa, formando uma característica marcante da população local;

O *habitus* seria um sistema de estruturas cognitivas e motivadoras, ou seja, um sistema de disposições duráveis inculcadas desde a mais tenra infância que pré-molda possibilidades e impossibilidades, oportunidades e proibições, liberdades e limites de acordo com as condições objetivas. Nesse sentido, as disposições do *habitus* são em certa medida “pré – adaptadas” às suas demandas. (SOUZA, Jessé. *A construção social da subcidadania*. 2006; p. 43 e 44).

Após vermos a trajetória de muitos trabalhadores nordestinos retratados pelas entrevistas, fica impossível não se indignar com a afirmação de que pessoas de algumas regiões do nordeste são conhecidos nacionalmente como preguiçosos, burros, alcoólatras e afins. A noção horizontal de cidadão é apagada, fazendo apenas com que a construção dos tipos brasileiros seja responsável por representar as mais diversas realidades, fazendo com que se legitime toda esta estrutura de dominação simbólica e material.

Recuperando o argumento utilizado por Bourdieu (1979) em *O desencantamento do mundo*, vemos que para operar as mudanças ocorridas em uma determinada sociedade, os cidadãos precisam de algum aprendizado e algum contato com esta nova realidade para que se consiga um desempenho satisfatório. Entrar em uma sociedade totalmente nova é um desafio gigantesco, comparável à introdução de um indivíduo em um país de hábitos e linguagem diferentes. É esse aprendizado que nos foi oferecido nas etapas de formação que nos garante um bom desempenho na sociedade em que vivemos, e são esses aprendizados que foram inculcados nestes novos indivíduos para que fosse possível introduzi-los em uma sociedade de capitalismo flexível. Podemos observar tal fato no seguinte trecho:

A economia monetária e o sistema das disposições econômicas a ela inerentes se desenvolvem em ritmo mais ou menos veloz nas diferentes classes sociais, segundo seu tipo de atividade e, sobretudo segundo a intensidade da duração de seus contatos anteriores com a economia monetária, e essas desigualdades de ritmo tendem a aumentar as clivagens entre os grupos” (Bourdieu, 1979, p.12)

Todo este aprendizado, resultando em uma melhoria da situação financeira de uma parcela considerável da população brasileira está relacionada com algumas ferramentas utilizadas pelo governo em nossa argumentação. Tais estratégias visavam estimular práticas

para propiciar este desenvolvimento. Dentre estas ferramentas, discutiremos a seguir a importância do *Programa Bolsa Família* e das políticas de *Microcrédito*.

Mas antes de começarmos a demonstrar a importância destes mecanismos, é importante ter uma ideia do contexto no qual estas se apresentam, demonstrando com índices e estatísticas o crescimento do Nordeste no contexto brasileiro, e a partir deste conhecimento, retratar a importância deste aprendizado econômico, responsável pelo desenvolvimento, os baixos impactos da crise, e a retirada de boa parte de pessoas fadadas à precariedade de uma vida de instabilidade dentro do novo panorama econômico, brasileiro e mundial.

1.1 NORDESTE EM TRANSFORMAÇÃO, ESTATÍSTICAS E CONSTRUÇÃO DO SUCESSO ECONÔMICO BRASILEIRO.

Boa parte das notícias que circulam e que auxiliam a montar a imagem que o brasileiro faz de si próprio é povoada por números e estatísticas que são envoltos em argumentos, implícitos e explícitos. Fugir a este fetiche dos números é complicado em um trabalho que aborda com um viés econômico a atual situação do nordeste. Tentaremos aqui utilizar as estatísticas para evitar o “economicismo”, e tentar aproximar o leitor de uma visão mais humana deste crescimento nordestino. Para tal visamos enxergar as ações humanas e como estas foram capazes de modificar um cenário antes marcado pela precariedade, valendo-se de algumas alternativas econômicas, mesmo que ainda desestruturadas e esparsas, tendo como resultado a retirada de um número maior de pessoas das classes econômicas menos privilegiadas.

Outro fator a ser considerado, é ver como este desenvolvimento econômico, aumentando a atividade econômica em setores acessíveis a parcelas da população que antes não tinham nenhuma penetração considerável nos mercados produtivos, mesmo que informais, formaram uma nova capacidade de ação. Exemplos de batalhadores abundam na sociedade e tentaremos reproduzir o perfil destes brasileiros na parte empírica deste trabalho. Usaremos como exemplo deste “desenvolvimento” individual, indivíduos entrevistados nos aglomerados de comércio popular e do setor de “serviços”.

Utilizaremos estes grifos para salientar mesmo que estes indivíduos não apresentam as características mínimas para a institucionalização de suas funções, uma vez que não se observa capacitação para nenhuma das atividades observadas, e sim apenas uma disposição para o trabalho duro e a fé na ascensão social. Estes batalhadores, sem nenhuma preparação específica para o comércio aprendem na dureza do dia-a-dia, migalhas de conhecimento,

enquanto lutam para escapar da instabilidade econômica e social, bem como o setor de serviços, que apresenta indivíduos que não são formados para a realização de suas tarefas remuneratórias, apenas contando com a observação de um nicho de ação possível diante da necessidade do mercado circunscrito em sua região.

A partir do contato e do desenvolvimento de conhecimentos sobre o novo capitalismo e as novas formas de produção, cooperativas, habilitadas em grande parte pelas políticas de microcrédito, um novo arsenal intelectual, mesmo que precário se forma nestas classes permitindo uma inclusão, mesmo que insatisfatória, de uma parcela antes excluída deste processo. Boa parte deste desenvolvimento pode ser atribuída a programas de redistribuição de renda juntamente com os programas de microcrédito, que discutiremos posteriormente.

Tabela 1 – Participação (%) das grandes regiões no Produto Interno Bruto – 2002 – 2008:

Regiões	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Norte	4,7	,8	,9		,1		,1
Nordeste	13	2,8	2,7	3,1	3,1	3,1	3,1
Sudeste	56,7	5,8	5,8	6,5	6,8	6,4	6
Sul Centro	6,9	7,7	7,4	6,6	6,3	6,6	6,6
Oeste	8,8		,1	,9	,7	,9	,2

Fonte: IBGE, em parceria com os Órgãos Estaduais de Estatística, Secretarias Estaduais de Governo e Superintendência da Zona Franca de Manaus.

Conforme vemos na TABELA 1, O nordeste é atualmente o terceiro colocado em relação à sua contribuição para o PIB brasileiro, contribuindo com 13,1% do total. Mesmo ainda não dominando a produção de riquezas nacionais, o ritmo de crescimento do Nordeste tem características extremamente positivas. Tendo como exceção o ano de 2007, o crescimento desta região se mantém acima das médias nacionais desde o ano de 2005, com a projeção de um crescimento de 1,4 % a mais que o Brasil para o ano de 2009 em dados publicados pela revista Exame, segundo dados da Consultoria Tendências. Dois setores foram importantes para a demonstração deste crescimento: indústria e comércio varejista.

Segundo dados do Banco do Nordeste, a atividade industrial do Nordeste na avaliação de abril de 2010, subiu 20,5% em relação ao mesmo período de 2009. É importante lembrar que o período anterior avaliado coincidiu com a crise mundial, iniciada em 2008. Os

investimentos efetuados no nordeste quase dobraram de 2007 para 2008, pulando de 7,5 bilhões para 13,3 bilhões de reais. Em 2009 até o mês de agosto o montante de investimentos já demonstrava a possibilidade de um novo recorde, com um valor de 11,5 bilhões de reais. Estes investimentos têm como alvo tanto a indústria como infraestrutura, demonstrando a potencialidade de crescimento observada pelo mercado e pelo Estado na região Nordeste.

Efeitos humanos positivos neste sentido são sentidos em um primeiro momento no nível do emprego formal gerado por estes investimentos. Investimentos em infraestrutura demandam uma grande massa de mão de obra nas construções e na parte de logística aplicada à estas obras, que empregam uma mão de obra ainda pouco qualificada, e parte importante da evolução social brasileira. Estas pessoas, a nata da nova classe trabalhadora, podem contar com a estabilidade de um salário e proteções trabalhistas, e muitas vezes investir ou se aproveitar de chances de capacitação promovidas pelos empregadores. Não é comum esta prática, mas o ambiente favorável a novos contratos estimula a criação de mão-de-obra mais qualificada, e com vínculos profissionais mais sólidos com relação às empresas. Movimentos como este são comuns e geralmente os primeiros a serem observados em momentos de desenvolvimento econômico, mas fazem parte de uma circulação mais complexa, a ser desenvolvido adiante.

Já o setor de comércio varejista ampliado, contemplando o setor de automóveis e materiais de construção, acumulou um crescimento de 17,5% em relação ao mesmo período de 2009. Uma ressalva possível a estes índices se deve às políticas nacionais de contenção da crise, com redução de impostos como o IPI dos automóveis e dos materiais de construção, impulsionando a economia, em especial a nordestina que já apresentava bons números desde 1996. Dentro da região, os maiores responsáveis pelo crescimento na área Varejista são Ceará (23,0%, com 2,0% de participação no PIB), Piauí (19,3%, com 0,6% de participação no PIB), Paraíba (18,6% com 0,8% de participação no PIB) e na Bahia (17,3% com 4,0% de participação no PIB). Somados, estes 4 Estados participam com 7,4% do PIB e uma taxa média de crescimento do setor varejista de 19,55%.

Citamos o crescimento no setor varejista, pois como utilizamos neste trabalho dados oriundos do Programa de Microcrédito *CrediAmigo*⁸. Vemos que este é o setor que condensa quase a totalidade dos usuários deste programa. O *CrediAmigo* responde por mais de 60% de toda a demanda de microcrédito brasileira, movimentando, segundo dados do Banco do

⁸ O que é o *CrediAmigo*. O *Crediamigo* é o Programa de Microcrédito Produtivo Orientado do Banco do Nordeste do Brasil S/A, operacionalizado pelo Instituto Nordeste Cidadania, que tem o objetivo de facilitar o acesso ao crédito a milhares de empreendedores que desenvolvem atividades relacionadas à produção, à comercialização de bens e à prestação de serviços.

Nordeste, 151,1 bilhões de reais em março de 2010, com um crescimento de 33,2% em relação ao mesmo período de 2009. Cabe lembrar que em 2009 resquícios da crise mundial ainda assolavam os mercados, e a subida deste setor, demonstra um otimismo em relação às políticas de crédito e o mercado interno.

Fechando o pensamento iniciado na explicação sobre os dados do crescimento industrial, temos como figura chave o *batalhador*, especialmente os mais precários, mais próximos da ralé⁹. Com o abandono institucional, conforme explicado no início deste texto, este cidadão que conta com um arsenal social desvalorizado, destituído de aprendizados que o valorizem no convívio social e no mercado formal de trabalho. Este *batalhador* foge da marginalidade valendo-se dos pressupostos do trabalho duro tornados pré-reflexivos pelos exemplos afetivos doados pela família, busca por quaisquer ocupações disponíveis nas franjas do capitalismo financeiro.

Sempre há uma oportunidade disponível para um pequeno ganho financeiro em torno de grandes mobilizações de capital. Podemos conceber, por exemplo, um pequeno restaurante, ou fornecimento de alimentação para a grande massa de mão-de-obra necessária para a construção civil, indústrias ou afins. Em estágios iniciais de sua formação para trabalho, vemos exemplos de pequenos comércios informais nas imediações de grandes mobilizações de capital, como empresas de serviços ou indústrias. O salário recebido pelos funcionários é alvo dos *Batalhadores* que, na condição de sacoleiros, prestadores de serviços, pequenos empreendedores, como o setor de beleza, por exemplo, são os exemplos mais claros que podemos citar dentro deste contexto.

O papel da *Bolsa-família* e do *Microcrédito* neste contexto é imprescindível. Com a possibilidade de ter alguma segurança contra a fome e a miséria, o batalhador tem um estímulo para se lançar em empreendimentos que fogem completamente do que a maioria dos cursos de administração de empresas ensina. Sem conhecimento sobre a área, sem uma qualificação específica, sem conhecimento sobre as vantagens institucionais das quais pode se valer a arma para sobreviver em qualquer negócio pretendido é a combinação do trabalho duro, com uma dedicação exclusiva em jornadas exaustivas de trabalho e o rigorismo econômico, onde nenhum gasto supérfluo pode ser efetivamente permitido antes de um profundo pensamento em investir mais no próprio negócio. Este rigorismo se multiplica pelas

⁹ O que é a ralé - nome provocativamente sugerido a uma classe abandonada tanto institucionalmente, quanto desprovida de qualquer característica que permitisse a adaptação ao trabalho formal, estava entregue à tirania do imediato, da prisão eterna à necessidade momentânea, sendo impossível dominar o recurso ióik;mais precioso, e obscurecido no discurso social: A relação com o tempo.

entrevistas colhidas, onde “o pagamento do empréstimo é feito sempre em dia, ou quando possível adiantado”.

Segundo Marcelo Neri (2010), dados do programa constataam este fato, onde a taxa de inadimplência do programa *CrediAmigo* é de 0,82%

Todos estes movimentos afastam os indivíduos da instabilidade econômica, pela abertura de novas possibilidades de ganho e estas são refletidas diretamente no aumento no ganho dos trabalhadores como podemos perceber na TABELA 2. A região Nordeste demonstrou a maior taxa de incremento nos salários pagos ao trabalhador, na média os rendimentos recebidos pelos trabalhadores desta região passaram de R\$570 para R\$734 no período de 2004 a 2009. De acordo com desmembramento das rendas disponíveis, vemos que o crescimento na renda foi de aproximadamente 28% e o crescimento das verbas provenientes de programas de transferência subiram 0,62%, representando um total na média de 1,69% da renda média brasileira.

Ao considerar os extratos sociais, e recorrer a métodos de separação por renda, vemos que mesmo nas classes menos privilegiadas, a participação da renda proveniente da redistribuição chega ao máximo em 18,53% do montante. Nestes extratos o crescimento da alocação de recursos demonstrou um crescimento maciço, subindo 13,66% em sua participação, nos permitindo concluir que a intervenção do governo é positiva, e tem impacto na renda total, mas não responde por uma totalidade da renda nestas famílias, que obtiveram crescimento nas rendas vindas do trabalho e outras fontes de ganho.

Outra observação possível a partir da tabela abaixo é a redução da importância da renda previdenciária, acima ou abaixo do piso utilizado, neste caso R\$510 reais. Podemos analisar a renda média dos cidadãos nas tabelas:

Quadro 1 – Renda domiciliar per capita

Renda Domiciliar Per Capita – Diferentes Fontes – Total – Total								
População Total								
Categoria	Corte Regional	Ano	Renda todas as fontes	Renda todos os trabalhos	Outras rendas privadas	Transferência Pública – BF*	Piso Previdência – SM *	Previdência Pós-piso – SM*
Total	Total	2009	100.00%	76.04%	2.02 %	1.69%	5.16%	15.08%
			100.00%	76.53%	2.47%	1.07%	4.44%	15.50%

Fonte: CPS/FGV baseado nos microdados da PNAD/IBG

Este crescimento, que continuou a evoluir em meio a um contexto de crise econômica mundial, nos permite observar que, seguindo uma política econômica dinâmica, uma

configuração específica de subsídios fiscais pode representar uma alternativa vivaz para o desenvolvimento, utilizado aqui no sentido de crescimento com sustentabilidade. Com crescimento dos salários, juntamente com a redução de impostos em áreas estratégicas como a indústria de eletrodomésticos, materiais de construção e automobilística, o governo conseguiu elevar o padrão de consumo dos brasileiros, elevando também o PIB pela proteção do mercado interno. Esta configuração foi uma das principais responsáveis pelo crescimento brasileiro e em especial no Nordeste, quando analisado em conjunto com as políticas de redistribuição de renda e microcrédito.

Quadro 2 – Renda domiciliar Per Capita

Renda Domiciliar Per Capita – Diferentes Fontes – Total – Total								
Classe econômica								
Categoria	Corte Regional	Ano	Renda todas as fontes	Renda todos os trabalhos	Outras rendas privadas	Transferência Pública – BF*	Piso Previdência – SM *	Previdência Pós-piso – SM*
Classe E	Total	2009	100.00%	68.83%	1.82%	18.53%	9.95%	0.86%
	Total	2003	100.00%	77.85%	2.56%	4,87%	12.74%	1.97%
Classe D	Total	2009	100.00%	75.77%	1.08%	6.04%	13.44%	3.67%
	Total	2003	100.00%	78.61%	1.43%	1.36%	12.37%	6.23%
Classe C	Total	2009	100.00%	75.75%	1.48%	1.39%	8.02%	13.36%
	Total	2003	100.00%	76.57%	1.93%	0.58%	5.38%	15.53 %
Classe AB	Total	2009	100.00%	76.70%	2.77%	0.52 %	0.49%	19.52%
	Total	2003	100.00%	75.74 %	3.32 %	1.10%	0.25%	19.59%

Fonte: CPS/FGV baseado nos microdados da PNAD/IBG

O simples fato de os indicadores demonstrarem o crescimento da nova classe média brasileira não é em si o fato mais importante das estatísticas. Um dos fatos que merecem destaque é a retirada de uma parcela significativa da população dos extratos maciçamente devastados pela instabilidade econômica e social. Neste sentido, o governo Lula fez algo que jamais foi mencionado em planos anteriores, com uma real participação na reestruturação social de áreas como o próprio Nordeste. Dados da pesquisa de Marcelo Neri (2010) demonstram que 29 milhões de pessoas saíram de condições desfavoráveis de vida, para alcançar o patamar mediano, a classe C, que contempla indivíduos que recebem de R\$1064 à R\$4561, segundo critérios da Fundação Getúlio Vargas.

O grande fetiche em relação à demonstração de crescimento da classe C, é a defesa de que no atual montante de pessoas neste extrato, há a ilusão de que a maioria do país está

acima de critérios sociais de instabilidade, onde esta “nova classe média” é responsável por mais de 50% da atividade econômica, e contando com 94,9 milhões de brasileiros, respondem pela maioria eleitoral também. Levando em consideração estes números, e a mobilidade social dentro dos extratos propostos na renda, vemos a partir dos dados organizados por Marcelo Neri, que 29% dos indivíduos das classes D e E ascenderam economicamente, possivelmente constituindo a classe C.

Como dito anteriormente, utilizando apenas critérios econômicos, ficam obscurecidos os fatores importantes para a sociologia, e que tentaremos demonstrar utilizando os exemplos vivos partindo de narrativas de vida: a sociedade tornada carne e osso – isto é, nas pessoas que são a materialização das características irradiadas pelas Instituições - marcada nas trajetórias individuais a serem narradas nos capítulos que seguem. A experiência de classe é extremamente importante para a formação do capital econômico que é demonstrado nas estatísticas, uma vez que a economia é uma atividade social, e depende de como os atores formam seu arsenal de capacidades, seu habitus, para agir em determinadas situações.

É a circunstância da ‘naturalização’ da desigualdade periférica que não chega à consciência de suas vítimas, precisamente porque construída segundo as formas impessoais e peculiarmente opacas e intransparentes; devido à ação, também no âmbito do capitalismo periférico, de uma ‘ideologia espontânea do capitalismo’ que traveste de universal e neutro o que é contingente e particular. (SOUZA, Jessé, 2003, p. 179)

Fazendo uso da metáfora utilizada por Neri, podemos dizer que não estamos demonstrando a economia brasileira em um gráfico de pizza de tamanho constante; além do tamanho das fatias, o tamanho da pizza em si mudou. Mas devemos nos ater ao fato de que as linhas entre as diferentes fatias continuam sólidas como antes, e que o aumento, mesmo que significativo da fatia reservada aos extratos inferiores, não funciona como um aríete contra os critérios de distinção de classe, assim como visto na obra de Bourdieu, *A distinção*.

2 – LENHA NA FOGUEIRA – DESMISTIFICANDO O PROGRAMA BOLSA - FAMÍLIA

Um dos mais criticados programas de redistribuição de renda já iniciados no Brasil, e que mexeu com a estrutura do pensamento social sobre políticas voltadas para a população mais carente do nosso país, merece um foco especial no panorama atual da economia brasileira, e especialmente a nordestina.

O plano de desenvolvimento brasileiro sempre teve foco nas instituições, virando-se de costas para os indivíduos. Com a mentalidade economicista, baseada na ideia de que se ampliando o mercado e as indústrias, o desenvolvimento econômico chegaria a toda população como consequência lógica deste processo. Apoiada por uma ideologia do mérito que encobre a gênese desigual dos indivíduos, o processo de exclusão social continua mesmo em períodos como o Governo JK, com um crescimento econômico superior a países como a China, por exemplo.

Com o segredo da dominação guardado sob sete chaves, e exclusivamente utilizado pela burguesia, aliado ao desemprego estrutural e social, o abandono institucional se transvestia de justiça mantendo uma classe inteira de indivíduos em subempregos, reduzidos à força corporal subvalorizada, exercendo funções que poupam tempo útil para a real classe média. Este tempo “livre” é utilizado para investimentos em seu capital cultural, resultando na ocupação destas posições criadas pelos investimentos e crescimentos do mercado. A chave invisível para o desenvolvimento das classes é a sua relação com o tempo. Segundo Jessé Souza (2003, p. 178) “é certamente no âmbito das sociedades periféricas que a desigualdade social em todas as suas dimensões assume proporções e formas particularmente virulentas.”.

Um detalhe destas ocupações recupera o argumento utilizado no início deste texto, e que explica a instabilidade deste *habitus precário*, que se faz presente nesta parcela, chamada provocativamente de ralé. A inexistência de vínculo trabalhista institucionalizado, com salários garantidos e com deveres bem definido, faz com que a exploração seja uma decorrência naturalizada desta forma de emprego. Salários baixos, pagos em atraso, jornadas superiores há 8 horas diárias sem nenhuma preocupação com a saúde ou o descanso minam a existência destes humildes pessoas, não apenas física, mas psicologicamente.

Nos textos que tratam de recriar os dramas da ralé, no livro de Jessé Souza (2009), vemos que a autoconfiança e a incorporação de características ligadas à concentração e ao

autocontrole, são as características mais valorizadas para a absorção dos indivíduos pelo mercado de trabalho.

Unindo as duas pontas do pensamento formulado acima, temos a conjunção de argumentos que embasa uma das mais frequentes críticas ao programa *Bolsa Família*. A base destas críticas indaga sobre a possibilidade do pagamento de uma verba assistencial gerar “preguiça” e agir contra o crescimento econômico brasileiro, uma vez que este só é possível com o emprego de todos. Um bom exemplo pode ser retirado da afirmação dada por Tasso Jereissati (2011):

“Vai acabar todo mundo no *Bolsa Família* e ninguém produz mais nada. Isso é uma grande enganação que está se plantando para o povo brasileiro e para o povo cearense. Nós temos que ter Bolsa Família sim, mas junto com educação de qualidade para que as pessoas, as gerações possam ir melhorando e a indústria, a produção, a agricultura e as pessoas ganhem muito mais”

Na primeira sentença da declaração do ex Senador, vemos a ilustração da crítica da burguesia brasileira ao programa, ao declarar que a renda recebida pela população por parte do programa de redistribuição não necessite de complementação ou nenhum trabalho para a subsistência de um cidadão comum.

Este argumento vai de encontro a estatísticas que comprovam que uma parte significativa do sucesso econômico brasileiro em reduzir a população miserável no Brasil, bem como o crescimento econômico no Nordeste são impulsionadas por este programa. Dentro da decomposição do salário da classe “E”, com menores rendas, a participação do Bolsa Família é de 18,53% (NERI, 2010, p.54). Com relação à inatividade, os perfis são muito próximos, comparado ao *gap* de rendas entre a classe “C”, vedete da nova literatura econômica brasileira e a classe “E”, o limbo valorativo da sociedade, com um número de inativos de 34,84% na classe superior e 48,05% na classe inferior (NERI, 2010, p. 59).

Na segunda parte do argumento, vemos que a ideia de mérito está presente, onde, na impossibilidade de invalidar a iniciativa do programa de redistribuição de renda, há a tentativa de associar este auxílio à iniciativas que devolvam estes indivíduos à disputa na qual já saem perdedores, revalidando o sentido das “escolhas pré-escolhidas” de Bourdieu.

Com mais escolas e mais indústrias, as pessoas pertencentes à classe “E” não se apropriariam dos benefícios deste desenvolvimento em um curto prazo. A transformação deste *habitus precário*¹⁰, em um *habitus primário*, adaptável ao ambiente produtivo

¹⁰ O “habitus precário” seria o limite do “habitus primário” para baixo, ou seja, seria aquele tipo de personalidade e de disposições de comportamento que não atendem às demandas objetivas para que, seja um indivíduo, seja um grupo social, possa ser considerado produtivo e útil em uma sociedade de tipo moderno e

demandaria um tempo, e muito cuidado de um Estado que deveria se posicionar de frente para os cidadãos. O mercado, instituição tão endeusada pelo senso comum economicista, não lograria sucesso em orquestrar tal mudança, se valendo da ideia de meritocracia para classificar os indivíduos.

Voltando à discussão sobre a produção em um ambiente que conta com o amparo do *Bolsa Família*, um dos pontos cruciais na reconstrução deste crescimento econômico nordestino, e especialmente na subida de uma parte considerável dos indivíduos que antes pertenciam ao extratos econômicos de nível “D” e “E”, se deve em boa parte a este programa.

Mexendo radicalmente na estrutura econômica de uma parte pobre do Brasil, este benefício foi alvo de severas críticas por parte dos setores médios e altos, os grandes entusiastas e defensores da ideologia do mérito, que é brilhantemente desmistificada no livro dos *Batalhadores* de Jessé Souza e cujo argumento retomamos aqui.

Boa parte da formação desta nova classe trabalhadora se deveu ao crescimento econômico de uma parte especial, oriunda da ralé, que conseguiu agrupar características específicas: por meio de uma ética do trabalho positivamente duro, em quaisquer circunstâncias, e em qualquer nicho que oferecesse oportunidade de lucro, apoiados por um capital familiar que ensinou o valor deste trabalho acima de todas as coisas como único meio de fugir da marginalidade e da desqualificação social.

Uma vez na ralé, toda oportunidade de ganho deveria ser aproveitada, para aplacar as necessidades imediatas, o que fazia com que o pagamento recebido por qualquer serviço, em qualquer subemprego, fosse aceito de pronto para a satisfação do imediato. Fazia se assim, a corrente da exploração e da dominação social.

A partir do momento que de certa forma, programas como o *Bolsa Família* tendem a amenizar o temor da instabilidade do imediato, permitindo, mesmo que de forma sutil e limitada, controlar um pouco o tempo pela certeza do ganho futuro, os trabalhadores puderam barganhar de forma tímida por melhores salários, pela não concordância ao recebimentos de pagamentos irrisórios para as duras jornadas de trabalho a que antes eram expostos. Outro fator é o pensamento prospectivo, e alguma participação ativa no domínio econômico, por conta de uma verba periódica, com a qual se pode contar.

Nisso se instala com o tempo um pequeno potencial de cálculo econômico, uma relação um pouco menos traumática com o sistema monetário, que possibilita em grande parte uma introdução, mesmo que agora menos precária no sistema capitalista atual. Ao mesmo

tempo uma relação com o futuro, mesmo que imediato se instala, como por exemplo, na ocasião de uma compra à prazo, possibilitada por alguma pequena garantia financeira.

O acesso ao mercado formal, por empresas que vendem “no carnê” e que dividem em “prestações à perder de vista”, surte um efeito de autoconfiança nos indivíduos que agora podem ter uma geladeira, ou comprar um eletrodoméstico mesmo que usado, adquirido de classes sociais superiores, que lograram algum sucesso e que podem consumir novos bens, impulsionados como citado anteriormente, pela redução de impostos nas linha branca. Muito além de ascensão social por parte do indivíduo que vendeu o bem usado ao indivíduo que conseguiu comprar um item que contribui alguns pontos para a ideia de dignidade para o comprador, vemos que qualquer possibilidade de ganho é vislumbrada por uma parte ainda não estabilizada na pirâmide social brasileira.

Seria infantil pensar que apenas com a transferência de recursos reduziria 20,5 milhões de pessoas no último estrato de renda, a chamada classe “E” (NERI, 2010, p. 86). Conforme vimos em dados anteriores o percentual do *Bolsa Família* na composição da renda na classe “E”, onde este representa a maior parte da contribuição deste recurso no montante, é de 18,53% em uma faixa de renda per capita que vai de R\$137,00 a R\$145,00 (NERI, 2010, p. 31). Esse aumento de recursos não resulta automaticamente em uma mudança de classe, como é sugerida pelas matérias e pela abordagem economicista. Pensando nas pessoas que estão próximas às linhas que delimitam estas diferentes classes, podemos ver que o aumento de 100 reais mensais na renda de uma família pode fazer com que esta mude de zona econômica, sem que mude de bairro, hábitos, companhias, valores e afins.

Mas esta renda extra pode ser utilizada para investimentos em novos mecanismos para a fuga da instabilidade. Antes do investimento em distinção, o investimento prioritário destas famílias é o que permite ou tenta viabilizar uma fuga da instabilidade econômica e social.

Conforme as entrevistas coletadas nas diversas etapas de pesquisa que antecederam este texto, podemos observar que duas características evoluíram juntamente com a educação para o novo sistema econômico promovido pelo programa *Bolsa Família* em um primeiro momento e intensificado pelos programas de *Microcrédito* em seguida.

Além de se fortalecer um rigorismo econômico, onde todas as obrigações financeiras eram pagas em dia, quando não eram quitadas com antecedência – o que invalida o discurso de apoio ao SPREAD cobrado pelos bancos nas operações de crédito convencionais, o que foi cortado nas principais iniciativas de microcrédito – a negação do consumo imediato para a alimentação de uma poupança ou investimentos em iniciativas para fomentar uma pequena distância da instabilidade se fizeram presentes.

A possibilidade de permitir aos filhos que estudem comprar uma casa ou terreno para fugir do aluguel entre diversas outras estratégias foram observadas. Uma outra característica muito presente foi a do pequeno empreendedorismo, a ser destacado nas trajetória demonstradas a seguir. Boa parte das pessoas, por não estarem preparadas para o mercado formal, se lançaram em pequenas iniciativas, sem nenhuma proteção social ou sem nenhum “preparo intelectual” para gerencia ou o tão propagandeado empreendedorismo.

Uma das facetas positivas observadas com a implementação do *Bolsa Família* além do aumento da formalidade da carteira assinada nos extratos inferiores, é visto um aumento do salário inicial recebido pelos empregados de R\$ 782,53 para R\$ 816,70, resultando em uma taxa de crescimento de 4,37% (Ministério do Trabalho e Emprego).

O aumento da renda do primeiro emprego, quando conjugada com o programa bolsa família, traz um efeito positivo do aumento de anos de educação. Mesmo em um ambiente desfavorável para a formação de uma relação afetiva pré reflexiva com os estudos, pelo discurso difundido pelo senso comum do valor diferencial dos indivíduos ser formado através do desempenho individual através da educação, mesmo que conjugada com a ênfase na necessidade do trabalho como meio de resistência digna à instabilidade e o rebaixamento social. Conciliando desde cedo o trabalho com a necessidade de frequentar a escola, temos o aumento do número de anos de estudo, esbarrando sistematicamente na necessidade prematura de entrada no mercado de trabalho, onde observamos que em média, apenas 2,26% dos brasileiros das classes D e E frequentam ou já frequentaram um curso superior (NERI, 2010. p. 64). Nestas classes a média de anos de estudo é de 4,98 no extrato E e de 5,46 no D.

Com estes parâmetros, que ficam distantes do segundo grau de estudo exigido em média para a contratação de pessoas no setor formalizado, os trabalhadores tentam promover a educação dos filhos para alcançar estes parâmetros ou então ingressa no setor de serviços, contanto com a contribuição certa do *Bolsa Família* para eventualidades. Este setor de serviços está relacionado com o aumento da renda, e do que se convencionou a chamar de classe média. Com o aumento do emprego, e do ritmo de vida entre o trabalho e o estudo, nasce a necessidade de serviços de apoio ao dia a dia desta parcela, como diaristas, alimentação, entregas, cuidados com crianças e afins, fazendo com que pessoas inabilitadas ao serviço formal, se especializem em ganhos econômicos no que chamamos acima de franjas do mercado.

3 APÓS O APRENDIZADO, VEM A PRÁTICA: COMPREENDENDO OS PROGRAMAS DE MICROCRÉDITO NA DINÂMICA DE CRESCIMENTO ECONÔMICO.

O acesso ao crédito no sistema financeiro brasileiro permaneceu restrito as classes superiores por muito tempo. Alocar recursos em empréstimos é um rentável investimento para os prestadores de serviços financeiros, devido aos juros exorbitantes e do SPREAD bancário justificado pelo senso comum, que desenha brasileiros corruptos e desonestos que justificam uma proteção do sistema de empréstimos.

O próprio mecanismo de funcionamento dos empréstimos e do crédito era incompatível com o sistema de vida disponível para a maioria dos cidadãos brasileiros pertencentes aos estratos mais baixos. Em uma vida marcada pela instabilidade, tanto de renda quanto familiar, e em casos extremos até alimentar, não podem arcar com compromissos e principalmente com as garantias necessárias para serem contemplados com a possibilidade de empréstimos, mesmo contando com uma das maiores taxas de juros do mundo.

Os estratos inferiores não se adaptariam com as necessidades de contratação de empréstimos nos sistemas convencionais de crédito, uma vez que não possuíam comprovação de renda, nem estariam aptos a trabalhar com orçamentos planejados, mesmo que de forma muito superficial. Esta é uma das facetas revolucionárias do efeito do programa bolsa família. Não é simplesmente colocar comida, materiais de limpeza e materiais escolares nas mãos das pessoas mais carentes da sociedade, mas também o aprendizado.

Podemos ver este argumento no fragmento de artigo escrito por Rômulo Paes, ex Secretário Executivo de Desenvolvimento Social e Combate a Fome:

“Ao mesmo tempo em que o país ampliou a cobertura dos programas de Transferência de Renda, as pesquisas de emprego mostram um aumento na criação de postos de trabalho com carteira assinada. E a formalidade cresceu principalmente entre os estratos mais pobres da população. O Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) registrou em abril a criação de 305.068 novos empregos formais, um recorde mensal de sua série histórica. Além disso, temos o registro da elevação do salário médio de admissão, que, no primeiro trimestre deste ano, cresceu 4,37% em relação ao mesmo período do ano passado (de R\$ 782,53 para R\$ 816,70), de acordo com informações do Ministério do Trabalho e Emprego.¹¹

¹¹ Para analisar as políticas sociais temos de compreender que o Brasil cresceu, mudou sua inserção no cenário internacional, acelerou a inclusão das pessoas em estratos superiores de renda e está ampliando direitos. As políticas sociais estão inseridas nessa ampliação de direitos e guardam relação estreita com o processo de desenvolvimento e crescimento verificado no país. Se desconhecemos essa inter-relação, incorreremos em uma

Como vemos, o recurso que esconde toda a dominação social é a relação das classes sociais com o tempo: uma chance de controle das possibilidades disponíveis em um futuro próximo e a capacidade de interagir com as possibilidades de forma positiva. Após o aprendizado econômico para lidar com o capitalismo financeiro flexível, algumas famílias que lograram sucesso em se estabelecer diante da opressão social, partiram para uma etapa secundária diante da evolução social.

Por meio de programas como o *Crediamigo* do Banco do Nordeste, o qual usaremos de exemplo por agrupar boa parte das características que desejamos ressaltar aqui, a política de microcrédito formou segunda etapa deste aprendizado econômico.

Ainda incompatíveis com a maioria de ocupações valorizadas e reconhecidas disponíveis na sociedade, empregos que além da distinção social, carregam a bandeira da autenticidade¹² de classe, do valor individual e dos demais mecanismos de dominação social, os batalhadores resgatados para um patamar de classe que escapou da ralé, partem para a sua segunda parte da jornada social.

Impulsionados pela necessidade material a buscarem empregos ou ocupações para o sustento de suas famílias, que agem como times, visando ações que se tornem efetivas contra a instabilidade social, o estudo fica em paralelo. Com o abandono desta esfera, que dentro do mundo moderno se convencionou a tratar como a principal fonte de reconhecimento e valor, as oportunidades que realmente afastariam estes batalhadores da instabilidade permanecem distantes, enquanto a propaganda do discurso do mérito individual e meritocrático continua a bombardear as mentes e os corpos de que são culpados pelo próprio insucesso.

Dentro da estratégia criada no interior da própria classe trabalhadora, seguindo os exemplos propagandeados no senso comum, o empreendedorismo é a fonte de toda a possibilidade de mudança. Mas a mudança neste contexto não pode ser atrelada dentro da imagem que tem na real classe média. Mudança na classe média diz respeito à ganho da capital cultural e econômico, alçar um status que o possibilite alcançar espaços sociais mais altos na sociedade, mudar de casa, estilo de vida e de habitus propriamente dito. Mudança de casa, bairros melhores, consumo de itens supérfluos que se tornam indispensáveis dentro deste estilo de vida novo estão na ordem do dia.

crítica injusta do ponto de vista moral e descolada dos achados científicos sobre o tema.” Disponível em: <http://www.mds.gov.br/saladeimprensa/artigos/transferencia-de-renda-e-emprego-formal-romulo-paes>.

¹² Conceito de Charles Taylor que representa um estágio consecutivo à dignidade, onde suplanta as necessidades físicas e sociais primárias e culmina em necessidade de diferenciação social.

Para esta classe trabalhadora que foi se criando dentro do ambiente de crescimento econômico e redistribuição social, a mudança adquire sentidos que a distanciam fortemente do título que receberam pela mídia, que separa pessoas pelo resultado de seus esforços.

Todo movimento ainda é controlado no sentido de que se possa ter uma margem de segurança da instabilidade econômica e social provada outrora. Os bens de consumo que mais se destacam nesta nova fase são os eletrodomésticos de cozinha, as TVs e a tão sonhada máquina de lavar, não pelo mero prazer de contar com as comodidades da modernidade, mas por motivos óbvios. Como citado por Bourdieu em seu livro *A Distinção* (2007), a alimentação é uma forma de separação de classes. Estes batalhadores sofreram anteriormente com a falta ou a precariedade de uma alimentação ou meios de prepará-la. Contar com uma geladeira maior e mais econômica, que não pese no orçamento no fim do mês é uma vitória desta classe, e que foi sabiamente utilizada pelo governo na ocasião da crise para alavancar a produção destes bens e elevação do mercado interno, contra a crise. A máquina de lavar é um símbolo mais latente desta vitória, onde uma demorada tarefa doméstica pode ser creditada à este eletrodoméstico, fazendo com que se tenha mais tempo livre para outros fins, que estão diretamente ligados à geração de renda e de bem estar familiar.

Juntando as duas pontas do argumento iniciado acima, vemos que uma vez incompatíveis com as ocupações distintas da sociedade, dotados de um conhecimento econômico novo e com disposição para uma rotina dura, os batalhadores, impulsionados pela disponibilidade de crédito derivada de iniciativas como a do *Crediamigo*, se lançam no sonho do próprio negócio, que ao lado da “casa própria”, se mantém no topo das aspirações de boa parte desta nova classe trabalhadora.

Ao pesquisarmos os resultados dos programas de *Microcrédito*, podemos enxergar claramente que o aprendizado econômico é a parte mais importante do processo de ascensão social. Vemos dentro das estatísticas retiradas de usuários do *Crediamigo* que quanto maior o tempo de permanência no programa, maior é o nível de rendimento obtido a partir do crédito recebido. A taxa de aumento é substancial, para os ingressantes no ano de 2003 a taxa de aumento no lucro obtido é de 82%, contra 13,84% dos clientes incorporados em 2008. (NERI, 2009. p. 29). Dentro deste período de aprendizado, uma vez que os programas de crédito são voltados para uma parcela específica da sociedade, como vemos denunciar Jessé Souza em livros anteriores, o perfil de cliente dos programas de microcrédito requereu um aprendizado por conta do agente econômico.

Dados do cruzamento entre os Programas de *Microcrédito* com o *Bolsa Família* reforçam nosso argumento do aprendizado econômico, onde os beneficiários de ambos os

programas têm ganhos iniciais e finais menores em termos absolutos, mas proporcionalmente muito maiores em comparação com os beneficiários do *Crediamigo* apenas. Agregado à isso, vemos o crescimento com as despesas familiares diminuir nos cidadãos que se valem de ambos os programas, o que reforça a visualização da contenção do consumo imediato para a formação de um pequeno arsenal produtivo ou familiar a ser utilizado por conta da proximidade com a instabilidade econômica.

A baixa instrução para o crédito, além da transferência de conhecimento sobre o sistema econômico demandou um tempo, e, além disso, a formação de recursos para que o programa continuasse sustentável.

Foi montada uma estrutura de abordagem dos usuários que seria voltada para a transferência de informações necessárias para a perpetuação dos sistemas de empréstimos, bem como a monitoração dos lucros obtidos pelos usuários, de modo a mapear as características mais latentes de sucesso. Como nem sempre os serviços são planejados para a clientela que utilizaria, vemos que muitas das iniciativas do Banco do Nordeste não aparecem nas entrevistas em que se baseiam os capítulos empíricos desta dissertação, onde a capacidade de absorver conhecimentos sobre os ativos, formação de preços e de estoques se manteve vinculada à experiência prática do dia a dia na maioria dos casos.

Pensando a política, tendo como base a classe média e seu capital cultural bem estabelecido, pensaram em agentes de transmissão e cursos de capacitação que não estariam de acordo com o perfil dos usuários do *Crediamigo*. Mais distante ainda, estavam os beneficiários de um programa de microcrédito voltados para frações de classe um pouco menos privilegiados, o Programa *Crediamigo Comunidade*. A diferença entre o capital social agregado nestes estratos é visível nas estatísticas sobre a falta de controles administrativos para o controle dos negócios, sendo de 9,5 nos usuários do *Crediamigo*, com mais tempo e mais experiência no manejo de negócios, contra 24,6% por parte dos usuários do *Comunidade*. (NERI, 2009, p. 44)

Características dos programas de crédito também reforçam traços sociais sensíveis e importantes para a ascensão social destes batalhadores. A forma de contratação de empréstimos em grupo, aliados à existência de um seguro, que não é absorvido pelo provedor dos empréstimos, sendo então devolvido para os usuários quando não utilizado, é um importante responsável pela evolução do rigorismo econômico. Presos em um espaço social onde a “marginalidade” e a virtude coexistem com uma proximidade aterrorizante, demonstrar nestes pequenos atos de honestidade as virtudes que os separam dos indivíduos rotulados como inferiores na escala social por estes mesmos atores é uma importante força

para a fuga da temida instabilidade social. Apesar da cooperação e da celebração dos empréstimos em conjunto, a competição por melhores condições continua a operar nestes pequenos agrupamentos econômicos.

Vemos aqui que estes programas venceram os preconceitos do senso comum em oferecer crédito às pessoas com baixa renda, e contando ao mesmo tempo com juros baixos, sustentabilidade e baixa inadimplência. Mas a incapacidade dos atores em absorver o conhecimento institucionalizado da área de comércio e gestão, altamente propagandeados como necessário ao novo empreendedorismo que se observa no que se convencionou a chamar de nova classe média atesta que nem sempre todas as características de um produto ou programa social levam em conta o perfil dos usuários.

No que tange a utilização dos recursos, muitas observações podem ser suscitadas para revelar o traço diferencial desta parcela que promoveu boa parte do crescimento econômico brasileiro e que supostamente fazem parte da nova classe média. A maioria incontestemente dos usuários dos programas de microcrédito estão alocados no setor de comércio, pela baixa necessidade para a implementação do negócio.

Parte considerável destes novos empreendedores utiliza a própria residência para a prática comercial, sendo estes 35,46%, sendo seguidos pelos que se utilizam de um ponto comercial, 28,11%, e chegando nos usuários que oferecem serviços em domicílio, representando 24,72% do total. (NERI, 2009, p. 44)

Como vimos na extensa obra de Jessé Souza (2006) sobre a desigualdade social, vemos uma importante vertente da dominação ser derivada da subvalorização feminina. Neste contexto, uma importante ferramenta de emancipação que pode ser destacada é a maior participação feminina nos usuários dos programas de microcrédito. Por se tratar de classes sociais com menor nível cultural e maior número de filhos por casal, o papel da mulher na formação da renda deve compartilhar os afazeres domésticos e o cuidado familiar. Por não serem contempladas na maioria das oportunidades abertas pelo crescimento dos setores de infraestrutura e produção de bens, pela necessidade de força física e de dedicação em horários definidos e jornadas contínuas de trabalho, a dedicação a serviços que podem ser oferecidos de maneira supostamente flexível é vista como uma alternativa altamente desejável por conta das usuárias do programa. Os rendimentos menores por conta das usuárias de microcrédito podem indicar uma menor dedicação por conta das tarefas exclusivamente femininas ligadas ao lar.

Retomamos aqui mais uma vez o argumento de que o capital familiar é importante para a formação desta nova classe trabalhadora, que conta com uma união familiar no

desenvolvimento dos esforços que permitem esta ascensão social, e a residência é foco dessa disseminação de conhecimento prático. Esta união familiar, como descrevemos anteriormente é a chave para a transmissão dos valores da ética do trabalho e do capital familiar, onde mais de 53% dos usuários dos programas de microcrédito são casados (NERI, 2009, p. 42)

Quanto menor o nível econômico é notório o aumento da proporção de beneficiários do programa que utilizam a própria residência para acolher o empreendimento ou as atividades econômicas, onde os níveis são de 51,36% nos usuários do produto Comunidade, destinados à pessoas com uma renda menor que os usuários do programa *Crediamigo*.

Este ambiente remete a pouca confiança e a nula proteção social destinada à estas pessoas que se lançam em uma atividade econômica. Vemos nos relatos que o medo de “quebrar” o negócio aparece com quase unanimidade dentre os medos enfrentados pelos usuários dos programas de microcrédito. Isso remonta uma dura e triste característica que é observada por conta deste medo em assumir um ponto comercial. A realidade do negócio mesclada com o cotidiano doméstico não estabelece fronteiras nítidas de onde começa e onde termina a jornada de trabalho.

Outro fator que agrava a situação é a não definição clara de um capital de giro específico para o negócio e outro capital para o uso doméstico. Vemos acima que a própria despesa familiar se reduz por conta deste fato. A esperança no sucesso por conta do sucesso do empreendimento familiar inclui sacrifícios financeiros e humanos que ficam mais claros nas entrevistas que seguem este capítulo. Vemos aqui um exemplo claro da ética do trabalho duro, onde o dia todo é dividido entre os afazeres domésticos e a atividade produtiva, onde 62,1% dos usuários do *Crediamigo* não empregam familiares do negócio, contra 74,24% dos usuários do Comunidade. (NERI, 2009, p. 43)

Com este horizonte em mãos, temos que nos valer de um arsenal que nos proporcione ferramentas para compreender como este momento social brasileiro se converteu, se valendo de um suporte promovido por parte das políticas públicas de transferência de renda e posteriormente aos Programas de Microcrédito e em especial ao *CrediAmigo*. Compreender a estrutura desta mudança no interior das frações de classe é fundamental para compreender o movimento que se fez em direção à evolução realizada por estes cidadãos, e para tal, buscamos o referencial teórico em uma junção de teorias propostas originalmente por Jessé Souza.

4. METODOLOGIA DE PESQUISA

Por se tratar de um fenômeno manifestado nas inclinações individuais e sociais, métodos estatísticos podem complicar a demonstração dos fatos a serem levantados por esta pesquisa, e se tornarem de difícil aplicação, uma vez que as mudanças são o resultado de uma complexa equação nas movimentações sociais ocorridas atualmente. As estatísticas quantitativas favorecem o “fetiche dos números”, caros ao pensamento dominante, e que se utiliza deste para a justificação de uma realidade mediada por interesses de classes dominantes, que custeiam a dominação de classes à custa da exploração da nova classe trabalhadora, suporte econômico da nova ascensão econômica brasileira.

O que pretendemos fazer neste trabalho é nos aproximar destas realidades, perceber o que mudou nas experiências diárias de uma nova classe, que surge em um momento econômico de mudança econômica mundial e que, mesmo com um arsenal simbólico deficitário, conseguiu melhoras significativas nos indicadores, mesmo que estes não sejam automaticamente revertidos em melhorias na qualidade de vida.

O ponto de partida destas observações é ligado a uma mudança institucional nos programas sociais, tanto de redistribuição de renda como os programas de microcrédito, onde deixaram de atentar para as instituições e se voltaram então para as frações de classe. Como o discurso meritocrático está enraizado no ideário social brasileiro, uma discussão sobre a crítica do investimento em instituições e não nos indivíduos será abordada em outra parte deste trabalho.

O tema chave deste trabalho é analisar como os programas sociais do governo conseguiram mesmo como forma de externalidades positivas, provocar uma adaptação dos indivíduos antes incluídos de forma precária ao processo econômico, uma melhoria nas capacidades de lidar com as instabilidades e se dotar de mecanismos para a melhoria da condição econômica. Estes mecanismos estão diretamente ligados às disposições dos indivíduos diante do macroambiente. Essas disposições são modificadas de acordo com experiências de classe, contexto, aprendizado e uma infinidade de processos aos quais os indivíduos são submetidos ou interferem durante a vida, ou como definiu com exatidão Bernard Lahire:

“De alguma maneira, cada indivíduo é o “depositário” de disposições de pensamento, sentimento e ação, que são produtos de suas experiências socializadoras múltiplas, mais ou menos duradouras e intensas em diversos grupos (dos menores aos maiores) e em diferentes formas de relações sociais.” (LAHIRE, 2004, p. 10)

Falar em “disposição” ou sociologia disposicional é andar em um campo minado, pelo extremo cuidado necessário para delimitar quais respostas em diferentes situações de uma mesma classe podem ser denominadas desta maneira.

Uma das vantagens, e atributo pelo qual esta metodologia foi escolhida para o trabalho em questão, é dar conta de uma série de mudanças ocorridas na trajetória individual dos atores que podem ser observadas em várias realidades distintas, resultando em um aprendizado responsável por uma mudança na atitude destes atores, ou na ação propriamente dita, tomada diante de escolhas feitas a partir de determinado momento da vida.

Para captar essa diversidade de momentos na trajetória dos indivíduos, e, por conseguinte, captar um retrato desta sociedade, esta metodologia disposicional se vale de uma série de entrevistas feitas com intervalos regulares, tratando de temas diferentes seguindo uma grade de assuntos chave que na grande maioria trata de domínios da vida onde o indivíduo traça relações sociais, dando conta das disposições das quais faz uso para a realização de uma série de ideais ou metas traçadas dentro do seu horizonte de opções.

É importante salientar aqui que a metodologia disposicional surge para dar conta da biografia social dos indivíduos, o que vai ser muito importante pelo viés desejado neste trabalho, por conta de uma alternativa crítica à teoria da ação, levando em conta como a construção do *habitus* deste indivíduo contribuiu para a ação em si, diferente de uma sociologia do “ator sem passado”, onde apenas a ação em si é alvo de análise. Esta metodologia também decorre de uma sociologia que leva em consideração as estruturas de “interiorização dos limites sociais e mencione as estruturas pulsionais e conscientes”¹³ da qual Norbert Elias é um dos principais expoentes, mas onde as ações dependem de uma rede de inter-relações entre os indivíduos, variando de acordo com a sua estrutura relacional dentro do círculo ao qual o ator se inclui.

Outra interpretação errônea sobre a teoria da ação foi proposta por Luc Boltanski num sentido de caricaturar a teoria do *habitus* de Bourdieu num sentido perpétuo, onde as mesmas diretrizes orientarão os indivíduos por toda sua vida, independente de momentos e contextos.

Passando por todas estas interpretações de teorias da ação é possível traçar de forma mais concreta a teoria disposicionalista a ser proposta por Lahire, onde vemos que:

Também é verdade que a sociologia disposicional pressupõe um mínimo de aplicação, pelos atores, dos princípios que regem suas ações, do princípio de não-consciência. Na verdade uma disposição só se revela por meio da

¹³ LAHIRE, Bernard. *Retratos sociológicos: disposições e variações individuais*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

interpretação de múltiplos traços, mais ou menos coerentes ou contraditórios, da atividade do indivíduo estudado, sejam eles produto da observação direta dos comportamentos, do recurso ao arquivo, ao questionário ou à entrevista sociológica. (LAHIRE, 2004. p. 26)

Utilizando das entrevistas, que não por acaso tratam de uma grade de interesses que tangem a várias matrizes de relações, ao cruzarmos o comportamento de um mesmo indivíduo em diferentes esferas sociais e situações diversas, podemos ter uma visão mais clara para delimitarmos a gênese da disposição tratada. Esta gênese então, mapeada em seu momento inicial, deve ser progressivamente analisada, para que se acompanhe o desenvolvimento de seus usos, ou até mesmo o seu desaparecimento diante de uma dada situação.

Muitas vezes esta disposição, bem como o abandono deste tipo de atitude podem se dar de forma inconsciente pelos indivíduos, bem como seus momentos de origem e modificação, caindo então na crítica tão comum à sociologia, onde o ator não é a pessoa mais indicada para retratar sua própria realidade, pelo desconhecimento de suas potencialidades nativas e inativas diante de diversas esferas de relação social das quais faz parte. Menos ainda é a importância dada ao sociólogo, agente da síntese entre a teoria e a interpretação da realidade observada, num sentido de desprezo à figura do ator, contra a assimetria de importâncias entre pesquisador e pesquisado, tão cara à sociologia clássica.

Nasce daí um modelo que leve em consideração a interação entre a construção de um conhecimento por parte dos pesquisadores e a demonstração de um caminho de edificação de uma trajetória por parte dos indivíduos.

Por meio de uma leitura da prestação de contas da pesquisa, podendo este ator indicar características que foram super valorizadas, interpretadas incorretamente ou que suscitaram algum tipo de reação dos próprios pesquisados. Por meio deste mecanismo, o cuidado que se deve ter é que se reduza a super exploração por parte dos pesquisadores de certas características ou circunstâncias. Por outro lado a interferência por parte dos atores deve ser mediada para que, após a interpretação dos seus testemunhos e da interpretação de suas atitudes, não faça com que o mesmo escolha a melhor interpretação, ou faça uma que o demonstre de uma forma melhor, diferente da realidade retratada pelo pesquisador, incorrendo sempre em “boas interpretações”.

Após delimitar o espaço desta teoria disposicionalista, vemos que esta não deriva ou tem algum relacionamento afim com nenhuma outra área das ciências sociais. Inegavelmente, uma das melhores utilizações da sociologia das disposições é encontrada em Pierre Bourdieu, especialmente na sua concepção de *Habitus*. Mas mesmo com o uso constante destas

expressões no dia a dia da sociologia naturalizam uma série de operações que devem ser explicadas com maior riqueza de detalhes para que então se defina as disposições de forma mais precisa, oferecendo um maior rigor científico à pesquisa em questão.

Dentro desta explicação derivam algumas relações de como se mudam, agrupam, modificam, permanecem em “hibernação” estas relações observadas, e sob quais contextos elas realizam estes movimentos. Além destes movimentos, verificar se estas disposições se situam no âmbito reflexivo ou não consciente, a partir do nível conhecimento sobre esta disposição construído pela trajetória biográfica do ator.

Tem-se então o objetivo maior deste método, que é, nas palavras de Bernard Lahire:

“Ao estabelecer como objetivo, por um lado, a apreensão do grau de homogeneidade das disposições, das quais os atores individuais são portadores em função de seu percurso biográfico e de suas experiências socializadoras e, por outro, a análise da articulação das disposições e dos contextos de seu estado de aplicação / estado de vigília (ativação / inibição) ou, em outros termos, o exame da questão das “disposições sob condições”. (LAHIRE, 1998a, p.63-69).

Ao nosso propósito este método se aplica para a compreensão alternativa do papel dos programas de microcrédito e transferência de renda. Muito além das quantias inseridas nos orçamentos das famílias brasileiras atendidas por estes dois programas, é importante observar que tipo de mudança aconteceu em suas rotinas, despertando ou criando novas disposições, que funcionaram de forma positiva para uma melhoria na condição de vida, ou como podemos ver na obra de Bourdieu analisando o capitalismo na Argélia, até onde foi possível estender o aprendizado econômico a atores que antes estavam à margem deste processo.

Nesta observação, alguns princípios devem ser levados em consideração para a perfeita compreensão das disposições nos diferentes atores, onde a variação intra-individual dos atores foi buscada nas diferentes entrevistas feitas para este trabalho. A principal separação feita foi analisar as disposições de forma diacrônica e sincrônica, ou seja, se estas são construídas por todo um caminho biográfico ou em situações específicas, com contextos bem delimitados, permitindo o acesso ao “*breaking point*” de uma nova disposição ou ao seu estado de vigília. A partir da combinação destas duas variantes disposicionais, temos uma possibilidade de compreensão de como os atores incorporam ou constroem estas características.

Nestes termos, segundo palavras de Bernard Lahire, a pesquisa deve se condensar no esclarecimento do grau de extensão e heterogeneidade dos universos, grupos ou indivíduos frequentados, de modo a constatar a possível influência que uma determinada mudança de

relações sociais na biografia dos indivíduos possa resultar em uma disposição diferenciada na trajetória de determinada classe ou gênese social.

Outro ponto importante é a variação diacrônica das disposições em função dos momentos no percurso biográfico, bem como a variação sincrônica das disposições em função dos contextos, onde podemos observar a mudança ou a adaptação de uma disposição familiar e individual nativa em decorrência de uma determinada situação ou momento econômico no nosso caso. Este ponto é extremamente importante em nossa pesquisa, por se tratar de uma atualização do habitus econômico dos indivíduos. Pessoas antes nunca inseridas de forma mais séria no mecanismo econômico brasileiro obtiveram altos índices de conversão de suas rendas. Certamente havia disposições nativas que auxiliaram este desenvolvimento, mas em determinada parte do percurso, com o auxílio dos programas analisados aqui, houve uma atualização destas qualidades nativas, que desempenharam o papel fundamental para que estes indivíduos lograssem relativo sucesso em suas trajetórias.

O terceiro ponto é de extrema importância no contexto da pesquisa que propomos aqui, onde é crucial pesquisar as tensões ou crises que podem ser elucidativas para a explicação de determinadas características e disposições. Verificar a lacuna entre as disposições necessárias ao contexto analisado e as disponíveis nos atores que permeiam este espaço temporal é a chave para analisar a forma de criação / adaptação bem como o despertar de disposições importantes à biografia dos indivíduos.

No contexto impessoal moderno, também no periférico, são redes invisíveis de crença compartilhadas pré - reflexivamente acerca do valor relativo de indivíduos e grupos, ancorados institucionalmente e reproduzidos cotidianamente pela ideologia simbólica subpolítica incrustada nas práticas do dia a dia que determinam, agora, seu lugar social. (SOUZA, Jessé. *A construção social da subcidadania*. 2003; p. 182.)

Partindo do conceito de Bernard Lahire, vemos que para falarmos em disposição, precisamos de um intenso trabalho interpretativo de reconstrução desta realidade social, diante da impossibilidade de observação direta desta. Diante deste fato devemos observar indícios, condutas, ações, opiniões que nos permitam dar conta deste tipo de propensão à ação de determinada maneira, para que possamos lograr sucesso em nossa empreitada. Nesta reconstrução é de fundamental importância captar os momentos onde houve a sedimentação de características de reação diante de estímulos ou situações semelhantes por parte de indivíduos socializados de formas diversas, com uma infinidade de critérios incorporados.

Por se tratar então de uma abstração teórica, importante para o estudo das práticas cotidianas e das formas de interação social, precisamos delimitar o uso ou condicionar o

estudo destas disposições a certos critérios que orientarão os passos desta observação. O primeiro ponto, inicial para a pesquisa, é a compreensão de que toda disposição tem um momento de gênese, um determinado ponto onde o indivíduo por um contato com determinado agente, incorporou esta característica.

Este momento pode ser reconstruído ou situado, dependendo da característica e dos relatos dos entrevistados, focando em características úteis à pesquisa em questão. No caso desta pesquisa, é fundamental compreender como um momento no tempo (lançamento de programas de redistribuição e microcrédito) colaborou para a gênese ou a modificação / atualização de disposições nos indivíduos afetados por este estímulo e fez com que uma parte pudesse responder com altos níveis de conversão da renda recebida em produção ou melhorias na condição de vida.

O segundo ponto importante nesta abstração teórica é a possibilidade de observação de uma série de comportamentos, atitudes e práticas que sejam coerentes. O indivíduo não carrega uma propensão a uma atitude em determinada situação, agindo nas demais de forma completamente diferente. O uso das disposições faz com que estes valores possam ser alocados para a interação em diversos contextos correlatos. Seria contraditório falar em disposição em um caso onde o mesmo indivíduo tivesse condutas diferentes para situações diferentes, mas que necessitassem de atitudes semelhantes. Um exemplo possível é a responsabilidade com o trabalho diante da irresponsabilidade com a saúde do corpo (que fique claro que critérios meramente estéticos se tornam inválidos neste contexto, conforme visualizado em Bourdieu).

O terceiro ponto diz respeito à necessidade da duração de contato com determinada fonte de socialização para que se torne possível à incorporação de uma disposição. Isso fica claro quando vemos que a atividade da sociologia disposicional está diretamente ligada a um conceito de educação e aprendizado. Apenas observando e conhecendo as diferenças entre as letras não formaremos uma pessoa alfabetizada. É necessário que haja um tempo em contato e constante atualização para que se possa realmente afirmar que uma disposição foi incorporada.

Na pesquisa proposta aqui fica claro que todos os agentes conheciam de forma superficial a economia monetária, mas diante da insuficiência e da inconstância de recursos, este aprendizado se mostrou ineficaz. Procuramos mostrar isso através de uma melhoria observada nas condições de vida, e logo associar esta melhoria não apenas ao crescimento econômico, mas sim uma incorporação / associação / atualização de disposições para atuação no mercado de trabalho / economia.

Outro ponto importante diz respeito à solidariedade entre a disposição e determinados contextos onde esta se aplique. Dizer que um indivíduo possui uma disposição não quer dizer que ele vá utilizá-la em todos os domínios de sua vida. Dentro de nossa pesquisa há contextos mais ou menos semelhantes onde os indivíduos demonstram certo tipo de atitudes que podem ser catalogadas como análogas em decorrência de determinada característica, mas infelizmente não podemos observá-las em sua vida como um todo. Isso diz respeito à capacidade do indivíduo agir em uma determinada situação particular de uma forma *sui generis*, o que não deve ser tomado como uma disposição diferente, conforme explicado anteriormente. Há também a possibilidade de duas disposições concorrerem, sendo uma de caráter genérico, utilizada amplamente pelo indivíduo, e outra de caráter mais objetivo, utilizada em determinado contexto, seguindo o rigor de caracterização manifestado anteriormente.

Voltando ao ponto do behaviorismo social, a disposição não é uma mera forma de resposta, seja ela reflexiva ou mecânica a um determinado estímulo. Com determinada disposição vemos que há a combinação de uma série de valores, emoções e visões de mundo que fazem com que determinada resposta apareça, podendo ser flexivelmente adaptável dependendo da situação onde for empregada.

Não quer dizer que o indivíduo pesquisado por nós vá automaticamente guardando qualquer dinheiro que receba além de seu orçamento (ou a partir da criação de um orçamento antes inexistente, no caso dos usuários do *Bolsa Família*) pela disposição à poupança. Em cada caso, de acordo com a fonte de renda e a quantia recebida, podemos ver um tipo de resposta que no geral corresponde em um nível substancial a uma disposição que é importante pra nós descobrir, e que é o alvo deste trabalho. De acordo com a evolução nas esferas de socialização da qual este indivíduo faz parte, podemos ver a atualização conforme dito anteriormente, fazendo com que as formas de reagir ao estímulo se tornem mais eficazes, fugindo mais uma vez da característica behaviorista demonstrada no início deste parágrafo.

Pela diversidade de critérios que podem ser condensados no âmbito das disposições, é importante distinguir as diversas situações e formas de agir, não incorrendo no risco de alocar várias características diferentes na mesma noção de disposição. Agregando várias situações sobre o mesmo rótulo, corremos o sério risco de uma generalização que invalida o trabalho proposto. Como vimos anteriormente é importante ver se não estamos colocando uma capacidade, manifestada em uma situação específica no *hall* disposicional dos indivíduos.

Dando um desfecho às considerações importantes ao trabalhar com essa abstração necessária para a observação das disposições, vemos que um mesmo indivíduo pode contar

com uma série de disposições, devendo ser este “arsenal disposicional” analisado empiricamente, após uma criteriosa pesquisa de sua formação individual, e assim podermos agrupar esta série de “ferramentas” em um patrimônio individual.

4.1 PESQUISA, MÉTODO E CRITÉRIOS PARA A OBSERVAÇÃO DAS DISPOSIÇÕES.

Para captarmos as inclinações individuais, foram utilizadas séries de três ou quatro entrevistas com os mesmos pesquisados, sobre uma série de assuntos que pudessem nos dar acesso às disposições específicas e suas relações nos diversos contextos. Esta pesquisa não foi calcada no seu âmbito de ação (programas de microcrédito e redistribuição de renda), mas em traçar um panorama da vida dos indivíduos, antes e depois da integração destes programas sociais, para que então pudéssemos ter acesso ao que realmente mudou, como suas disposições anteriores se chocaram ou se transformaram em novas disposições, além de verificar o aparecimento de novas disposições, visto o contato com um ambiente social “novo”.

Pesquisar por um longo tempo a mesma pessoa, sendo esta seguida pelo mesmo pesquisador é algo que pode ser complexo e delicado. Muitas vezes, pela criação de um vínculo de confiança é possível obter informações que não estariam disponíveis por uma série de trocas de entrevistados, mas, ao mesmo tempo, fazer com que um indivíduo que possui as características desejadas permita ser acompanhado em opiniões e valores que são o seu suporte de vida é uma tarefa difícil. Justamente para obter um resultado que viesse a somar com as informações fornecidas pelos métodos quantitativos, foi necessário fazer um panorama de sua socialização primária, como família, parentes e vizinhos, além da relação com o estudo e ir além, na relação do indivíduo com o próprio corpo. Assim fugimos do senso comum de que foi apenas com trabalho árduo que os indivíduos destacados aqui conseguiram fugir de certa forma de patamares inferiores de suas classes de origem. Se o corpo e a disposição já estivessem latentes nos indivíduos, por que o mesmo não ocorrera em momentos anteriores?

Outra característica que favoreceu a pesquisa por apenas um entrevistador foi que com a coerência que seria evocada ao contar várias partes de sua biografia à mesma pessoa, haveria certo senso de coerência entre os relatos, fazendo assim que as disposições apresentadas fossem de alguma forma mais homogêneas do que provavelmente aconteceria com vários entrevistadores. Para contrabalancear este fato, a pesquisa será feita sem que os

entrevistados saibam do que se trata ou do foco específico do trabalho, para que não haja interferência de idealizações e das irradiações do senso comum nos resultados da pesquisa, sendo dito apenas que seria uma pesquisa focada nos “modos de vida”.

Para uma melhor apreensão da realidade, as pesquisas serão feitas em ambientes comuns dos indivíduos pesquisados, permitindo a visualização de seu estilo de vida, características do domicílio / local de trabalho. Muitas vezes nestes locais é possível observar algumas relações sociais com vizinhos, familiares e clientes, permitindo que se façam anotações que enriquecerão o texto final.

Para conseguir informações mais sólidas, é importante ir estabelecendo um vínculo de confiança com o pesquisado escolhido, pois ele precisa estar seguro que suas informações estarão a salvo de quaisquer esferas que poderiam se utilizar destas para quaisquer fins. Os beneficiários de programas sociais, pelo grande risco social em que vivem, podem achar que qualquer informação incorreta que eles forneçam pode acarretar a perda dos benefícios, fazendo então com que os mesmos encubram informações valiosas à nossa pesquisa. Muitas vezes os usuários dos programas de microcrédito não fazem apenas investimentos em negócios próprios, conforme foi indicado na breve descrição do objeto, o dinheiro não é separado entre o capital de giro dos negócios e as economias domésticas, sendo muitas vezes mesclados. Em caso de uma enfermidade, muitos empreendedores se valem do capital de giro para eventuais gastos, bem como o contrário também é verdadeiro. Obter essas informações não é fácil quando os entrevistados acham que o pesquisador pode repassar essas informações para o agente de empréstimos, encerrando os vínculos creditícios.

O estranhamento total entre as partes podem gerar problemas de natureza inversa, fazendo com que o pesquisador receba informações parciais, seja respondido com menos empatia, não permitindo o acesso à realidade total dos pesquisados. Um vínculo muito próximo, ou com vias de tornar-se duradouro pode invalidar as informações do mesmo modo, onde o indivíduo pode sentir-se constrangido a prestar informações íntimas às pessoas com quem conviverão por um período grande de tempo. Após um período de convivência com o entrevistado, verificando seu temperamento e sua reação à aproximação é então feita a proposta de investigação.

Após a aceitação da pesquisa, temos como meta compreender suas atitudes e extrair daí suas disposições por meio de interpretação de algumas bases de sua biografia. Essas bases são os assuntos chaves das entrevistas em questão, onde podemos mais uma vez obter de Bernard Lahire uma arquitetura das grades dessas entrevistas nos pontos que levantaremos a seguir:

O primordial deste trabalho, antes de focar apenas nos programas de redistribuição e microcrédito é focar nas interferências e incorporações promovidas pelas grandes matrizes de socialização dos indivíduos, como a família, escola, trabalho, religião e afins. Mas mesmo tentando separar estas diferentes matrizes, é impossível obter um relato autônomo de cada esfera, fazendo com que, ao obtermos os relatos, constataremos que as diversas esferas de comunicam irradiando uma série de influências umas nas outras.

Todas as entrevistas têm como foco central uma das esferas de socialização e devem partir de um questionamento mais ou menos biográfico, contendo informações sobre a conduta inicial nestas esferas e como o indivíduo conviveu durante sua vida nestes ambientes. É importante lembrar a trajetória infantil junto à família, como foi este desenvolvimento na adolescência, caso tenha a idade adulta, casamentos, namoros. O mesmo ocorre na escola quando questionamos suas primeiras experiências e tensões, motivos de orgulho e vergonha. As demais esferas devem seguir o mesmo caminho, sendo elas: trabalho, sociabilidade (onde é inserida a prática da religião, por se destacar a importância das relações entre os demais fiéis e pessoas contrárias à fé manifesta do entrevistado), lazer/cultura e corpo. Fazendo de forma biográfica, a pesquisa pode nos fornecer o ponto de vista da gênese e modificação/atualização das disposições, além de fornecer os pontos de vista diacrônicos e sincrônicos.

A importância do questionamento sobre os choques, tensões, crises e frustrações se faz pela importância de ver nestes “*breaking points*” uma chance de despertar de disposições inibidas ou adormecidas por situações anteriores. A forma de reação a estas crises, sendo elas passageiras ou duradouras, podem nos contar muito, desde o agente da crise – alguma característica especial do contexto que não é tolerada, mesmo sendo secundária, podendo também ser características de pessoas com as quais o entrevistado teve contato – bem como as novas socializações que são advindas desta crise, novos parceiros, novos critérios de convivência.

Além das crises, os sonhos ou situações ideais formuladas pelos indivíduos fornecem importantes informações sobre seus valores, crenças, esperanças, onde neste direcionamento social, podemos ver possíveis raízes de modificação/atualização de disposições nos caminhos delimitados por estes dados.

Para que se possa então formular um contexto completo sobre as diversas grades de entrevista é importante observar o contexto de forma mais completa, considerando a época/local, as pessoas que estavam envolvidas com esta esfera em questão, a dinâmica das relações ou mudanças ocorridas no contexto. Quanto mais indicadores forem coletados em

determinada esfera, mais fácil se torna o trabalho de recriar o quebra-cabeça biográfico, e mais facilmente poderemos recriar as teias que influenciaram determinadas disposições.

Após esta explicação sobre o método explicativo utilizado por nós neste trabalho, seguimos para a vertente teórica que embasa o comportamento dos indivíduos, especialmente os entrevistados por nós. Vemos na síntese já conhecida de Charles Taylor/ Pierre Bourdieu, desenvolvida por Jessé Souza (2003) uma importante ferramenta para a compreensão do ambiente a ser estudado e principalmente, como na teoria do habitus repousam as características que podemos levar em consideração para explicar esta atualização de disposições dos indivíduos no atual contexto econômico brasileiro.

5. ARSENAL TEÓRICO – BOURDIEU E CHARLES TAYLOR

Além da metodologia de pesquisa, necessitamos de uma base teórica que comporte os pressupostos que norteiam nossas observações com relação ao que pesquisamos aqui, as mudanças provocadas pelos programas sociais voltados para os cidadãos.

Valemos-nos aqui da articulação feita anteriormente por Jessé Souza, que promoveu a união das teorias de Charles Taylor e Pierre Bourdieu para uma interpretação alternativa do sentido e das motivações observadas no mundo moderno.

5.1 CHARLES TAYLOR E A HIERARQUIZAÇÃO DE VALORES

A primeira noção que devemos destacar nesta síntese é o ponto inicial da crítica desenvolvida por Charles Taylor e tão difundida em várias vertentes da sociologia moderna: o fato dos indivíduos serem pensados de forma atômica, descontextualizada e dotados de uma racionalidade potencialmente igual em todos os seres gerados pelas sociedades atuais. A partir deste ponto temos aqui o critério principal a ser demonstrado por Taylor, a desmistificação desta naturalização dos valores, que segundo ele, acontece tanto na dimensão cotidiana da vida, onde os indivíduos não conseguem mapear a gênese de seus valores ou critérios morais nos quais fundamentam suas vidas, bem como esfera científica, onde a não consideração dos valores contidos neste “pano de fundo” servem de subterfúgio para o “esquecimento” consciente de fatores que deveriam ser levados em consideração por uma teoria verdadeiramente crítica.

Vemos aqui a aparição de imperativos sistêmicos, sendo estes valores ou metas coletivas que são incorporadas pelos indivíduos através das instituições que funcionam como agentes irradiadores destes valores, que uma vez naturalizados, são pensados como compartilhados por todos, e não absorvidos de forma pré-reflexiva. O que Taylor busca neste pano de fundo, é a possibilidade de torná-los conscientes, além da possibilidade de confrontar os valores irradiados por estes agentes com as realidades sociais mais diversas, deixando assim de se perceber alguns valores adotados inadvertidamente como neutros.

Ao pesquisar esta hierarquização moral, Taylor destacou dentro das observações feitas que existem intuições fortes, critérios que são levados em consideração no julgamento social, que separam qualquer ação ou bem material em bons ou ruins. Para essa classificação utilizam-se critérios que são inconscientemente incorporados pelos indivíduos, que não conseguem

perceber como suas escolhas são orientadas por critérios que nem mesmo são alvos de raciocínio lógico. Podemos extrair uma explicação da seguinte sentença:

“A nossa identidade, diz Taylor, é formada pelas identificações e escolhas providas por este pano de fundo valorativo seja por afinidade, seja por oposição a elas. A idéia central aqui é a de que apenas formulamos sentido para nossas vidas com base na relação que estabelecemos com as avaliações fortes que formam a referência última da condução da vida do sujeito moderno.” (Souza, 2003. p. 25)

Ao descrever esta hierarquização moral específica do Ocidente, vemos em Taylor a divisão em dois componentes, aos quais citamos: o princípio da interioridade e da afirmação da vida. Para constituir estes dois formadores da moral Ocidental, podemos reconstruir a discussão promovida por Taylor na proposição destes pontos. Seu ponto de partida está contido na mudança radical promovida pelo pensamento de Platão acerca da ameaça desejos na vida cotidiana. Por ameaçarem uma vida balanceada, visto sua capacidade de se tornarem ilimitados, estes deveriam ser subordinados à uma força superior que pudesse garantir algum controle, fazendo assim com que se reestruturassem as forças em busca do equilíbrio. Os desejos só encontrariam uma força de igual proporção contrária sendo submetidos à razão, dotada como principal força de irradiação de sentido na vida humana. Vendo os desejos como algo inferior, haja vista que necessitavam de um controle visto como superior – a razão – temos início à construção de uma noção de pureza desta razão na produção de uma vida equilibrada.

A mudança que fez com que esse raciocínio fosse o novo imperativo da moral Ocidental de processou com Santo Agostinho, que complementou a ideia platônica com a noção de interioridade. Invertendo o sentido do conhecimento que era criado e não apenas descoberto em observações do universo. A reflexão é a atividade fonte do conhecimento, onde as atividades concentravam o ser que em si buscava o conhecimento necessário em determinada atividade.

A interioridade tem aqui seu momento de criação, onde pelo processo de conhecimento como um retorno ao interior, se mostra como um caminho para a iluminação rumo à um sentido superior. Como esta interioridade foi associada ao caminho certo para a divindade, inevitavelmente este discurso se tornou dominante à época de Agostinho. Com este prêmio atribuído à busca da verdade superior por meio da interioridade, a atração criada por esta interpretação do mundo foi inevitável.

Inevitavelmente há uma separação criada a partir da adoção deste tipo de raciocínio no mundo, uma vez que os seres que não possuem uma intelectualidade que possa se voltar para

o conhecimento existente internamente, são classificados como inferiores numa escala valorativa do mundo. Seguindo este critério temos aqui três novos níveis de seres que habitam o planeta: os meros existentes, os viventes e os dotados desta nova forma da raciocínio, colocando os humanos em primeiro plano nesta escala de classificação.

Ainda observando a relação entre o pensamento de Agostinho e sua reinterpretação de Platão, vemos um ponto de discordância no que diz respeito à vontade. Para Platão a vontade seria algo que poderia ser dependente do conhecimento e assim sendo, renovada à cada etapa de conhecimento do mundo, e sim uma força independente que apareceria de forma distinta da evolução intelectual, e assim devendo ser dominada, caso se mostre em uma faceta negativa, para que se possa alcançar a graça¹⁴.

Vemos neste sentido uma semelhança entre o pensamento de Descartes e o pensamento de Agostinho, seu influenciador, mas com uma diferença importante: as fontes de moralidade se encontram dentro de nós, fazendo com que uma nova realidade seja arquitetada a partir desta mudança. Com a mudança de fonte de moralidade, o que muda basicamente nesta nova concepção é que não precisamos mais buscar uma fonte de moralidade externa à nós, e sim devemos construir internamente. Deste modo apenas o que é puro e passível de dominação intelectual é visto como virtude – paixões ou qualquer outro vínculo com algo material sofre uma influência que pode ser vista como negativa no campo moral. Assim faz-se com que a pessoa moralmente impecável se afaste de qualquer confusão sensorial para que se entregue única e exclusivamente à busca da intelectualidade.

Com esta nova moralidade em destaque, vemos que o resto do mundo material se mostra “desencantado”, fazendo com que a produção de sentido e de autoestima do mundo se fazem no interior da mente, fazendo com que o senso de valor se construa individualmente, sem a necessidade de participação ativa na vida social, para que este seja atribuído de “fora para dentro”¹⁵. Podemos concluir, conforme demonstrado por Jessé Souza o resultado desta mudança de paradigmas: “A internalização da faculdade da cognição corresponde a uma internalização da fonte da moralidade como bem percebe Taylor” (SOUZA, 2003, p. 29).

Como a fonte da moralidade se torna a principal meta de uma sociedade que vida essa graça. Não tardou para que os indivíduos vissem na conduta exemplar e na reflexão o centro do interesses do mundo. O treinamento da mente para que se afaste dos desejos e de tudo que

¹⁴ Utiliza-se aqui o conceito de salvação diante da resistência à vontades que contrariem a vontade divina, manifestada diante da resistência às tentações do corpo, vistas como inferiores diante da possibilidade de iluminação pelo conhecimento interior.

¹⁵ Deve ser destacado aqui que a participação do indivíduo aqui em determinados movimentos ou ações sociais continuam necessárias, mas o valor só é construído a partir do momento que o *feedback* que esta atividade proporcionou se transforma em um valor para o próprio indivíduo em si.

é material se tornou a principal atividade, e assim irradiando esta conduta para as demais Instituições humanas, como o exército, administração e economia.

Utilizando a visão introduzida por Locke, vemos que o tema da vontade é chamado à baila. Uma vez que a mente pode ser treinada para que evite os desejos assim como os sentimentos. Uma vez que destacado o poder desta vontade pode, uma vez contaminada por costumes e valores locais, engendrar o desenvolvimento interior de um indivíduo que se entregue à construção desta identidade moral. Baseada em costumes e valores locais, a moral pode desenvolver todo um caminho que determine a estrutura de raciocínio em determinada direção. Nas palavras de Jessé Souza:

O controle racional pela vontade conduz a uma nova e radical maneira de auto-objetificação. Podemos nos “recriar”, recriando nossos hábitos e normas. Somos criaturas de relações contingentes. É esse novo tipo de desengajamento radical que propicia a ideia da criação “ex-nihilo” que Taylor chama de “self-pontual” ou “neutro”. É claro que isso exige o “treinamento” em práticas sociais e institucionais disciplinadoras e não apenas o aprendizado por meio de “teorias”. (SOUZA, 2003. p. 30).

Temos então em Taylor a primeira noção, sendo esta crucial, do *self*, ligada a concepção de buscar o bem, sendo virtualmente impossível nos tornarmos um *self* de maneira autônoma. Notamos que há aqui o conflito entre ser um e possuir um *self*, onde não é possível sem a busca dentre as diversas indagações e atividades sociais por um caminho que leve inconfundivelmente ao bem.

Um ponto de junção entre essas ideias, que vieram sendo desenvolvidas durante os anos de distanciamento dos critérios chave para o *self* tayloriano, não tiveram um lugar de destaque até acontecer, na visão de Taylor, o acontecimento que conseguiu colocar a singularidade moral e cultural em um papel central no Ocidente. Com este acontecimento vemos que a noção de vida cotidiana foi acrescida da ideia de singularidade, revalidando toda a conduta de vida dos protestantes. Diferentemente da vida contemplativa da antiguidade clássica, a reforma protestante trouxe o sentido de trabalho e de família para o primeiro plano da hierarquia moral e da obtenção do bem, assim como descrito anteriormente.

Pela extrema participação destes indivíduos nestas esferas sociais, agora valorizadas diante da reforma, vemos que as atividades contemplativas, tão distintas anteriormente sofreriam com o desprezo na classificação das atividades sociais. Podemos entender essa transição pela síntese contida no seguinte trecho:

Ao rejeitar a ideia do sagrado mediado, os protestantes rejeitaram também toda a hierarquia social ligada a ela. Este é o fato decisivo aqui. Como as gradações da maior ou

menor sacralidade de certas funções é a base da hierarquia (religiosa) das sociedades tradicionais, desvalorizar a hierarquia baseada nesta ordem é retirar os fundamentos da hierarquia social como um todo, tanto da esfera religiosa em sentido estrito quanto das outras esferas sob sua influência. Desse modo, abre-se espaço para uma nova e revolucionária (dado seu potencial equalizador e igualitário) noção de hierarquia social que passa a ter por base o self pontual tayloriano, ou seja, uma concepção contingente e historicamente específica de ser humano presidido pela noção de calculabilidade, raciocínio prospectivo, autocontrole e trabalho produtivo como os fundamentos implícitos, tanto da sua autoestima quanto do seu reconhecimento social. (SOUZA, 2003. p. 31)

É importante salientar que com essa mudança de moralidade, o critério principal de dignidade se transfere para um campo universalizável, com um possível acesso de todos. Mas ainda não estaria completo o panorama da ótica Tayloriana se não tocássemos na segunda parte de seus critérios de reconhecimento, partindo para outra vertente de pensamento, sendo descrita como autenticidade.

No primeiro caso vemos um conceito universalizante da dignidade, devendo este ser acessível à todos de uma maneira que a sociedade viva bem com o tratamento dispensado à maioria dos seus indivíduos formadores, como uma forma de redenção diante da visão individualista fortemente predominante. Uma segunda vertente da autoestima diz respeito à autenticidade, onde os indivíduos que cumprem a primeira etapa do reconhecimento buscam enobrecer suas qualidades, fazendo por merecer um “prêmio extra” de reconhecimento. Esta autenticidade é derivada da ideia de expressivismo¹⁶ Tayloriana e data do século XVIII, sendo assim mais moderna, segundo a afirmação de Jessé Souza.

Como vemos na cultura Democrática Ocidental, o tema da dignidade é amplamente obscurecido pela aura emanada por esta instituição como o regime que melhor tratou da homogeneização das chances dentre os indivíduos, cabendo ao tema da autenticidade, um papel de destaque na análise Tayloriana, principalmente nas nações desenvolvidas do norte.

Vemos que na formação deste cidadão que possui uma autenticidade, existe a formação de um capital dentro desta autenticidade, onde na possibilidade de valoração dentre de diversas possibilidades de formação desta, há inegavelmente a possibilidade de julgamento, por parte do agente e por parte das pessoas que se relacionam com este. Este tipo de julgamento de critérios de autenticidade torna possível o aparecimento de uma escala de

¹⁶ Vemos com o passar da teoria para a visão de Bourdieu que este expressivismo se torna mais agudo, quanto maior for a luta por bens simbólicos em determinada sociedade. Quanto mais escassos são estes bens, mais as formas de autenticidade serão buscadas, para que se contemplem os indivíduos merecedores desta distinção.

valor social, que diferentemente da dignidade niveladora, classifica e torna os indivíduos “bons ou ruins” dentro dos valores construídos em sua grande maioria fazendo referências à bens simbólicos pouco acessíveis¹⁷.

Na verificação de situações ou opções que tornem os indivíduos mais dignos de respeito com o esforço crítico vemos o amparo institucional faz com que estes critérios de valor se tornem opacos. A partir daí, estes critérios podem nos ajudar, na forma de indicadores simbólicos¹⁸, por ser a parte principal de hierarquização dos indivíduos. Com a desmistificação desta neutralidade moral das instituições, podemos observar também que muitos critérios de julgamento moral são irradiados, e tornados parte de um arsenal moral dos indivíduos que utilizam-se destes de modo pré-reflexivo, reproduzindo toda uma ordem superior de julgamento. Vemos nas palavras de Jessé Souza a importância de Taylor neste contexto:

“Taylor possibilita a partir da sua genealogia da hierarquia valorativa da modernidade tardia, conferir sentido e relevância moral a aspectos “naturalizados” da realidade social seja na dimensão da vida cotidiana, seja especialmente na dimensão institucional cuja eficácia depende precisamente de sua aparente neutralidade.” (SOUZA, 2003, p. 39).

Contando com este arsenal metodológico de Taylor associado ao ponto de vista tratado neste trabalho, vemos explicações mais plausíveis para os sucessivos ataques feitos ao programa bolsa família e os programas de microcrédito brasileiros. A centralidade do trabalho moderno e a ampla aura democrática vigente no Brasil fazem com que qualquer apoio social vindo de forma “gratuita” – e neste contexto vemos que o “esquecimento” dos critérios rígidos para a escolha dos indivíduos que fazem parte destes dois programas sociais – é providencial.

Uma vez que as oportunidades são “iguais para todos” e que as vagas de trabalho dependem do crescimento desta economia, vemos que o amparo financeiro provido pelo Bolsa Família, e os baixos rendimentos promovidos pelos programas de microcrédito são dois agentes que, na mentalidade hierarquizadora da sociedade brasileira, agem contra o propósito para o qual nasceram, auxiliar os indivíduos para uma trajetória mais digna de vida. Estes pontos serão alvos de discussão específica posteriormente em capítulos específicos, após tratarmos da participação de Bourdieu neste arsenal metodológico.

¹⁷ Acreditamos ser possível pensar em uma economia emocional, mesmo que esta seja frágil, pois uma coisa de baixo valor em um primeiro momento, pode se tornar o objeto de desejo do consumo autêntico, mas o risco de que se transforme em algo “desagradável” é infinitamente maior.

¹⁸ Nome dado por Jessé Souza em SOUZA, 2006. Pg. 39.

5.2 Bourdieu e a teoria do habitus

Por se tratar de um dos maiores escritores da atualidade a tematizar as classes sociais em sua gênese e não em seu lugar da escala produtiva, a leitura de Bourdieu se faz necessária neste trabalho. Por trás de toda uma ótica meritocrática, especialmente observada nas nações periféricas de capitalismo, vemos o talento investigativo de Bourdieu ser aplicado à revelação das forças ocultas que estão agindo na sociedade. Tendo como pano de fundo a dominação de recursos simbólicos e materiais em disputa na sociedade, aponta o autor que por trás de uma estética democrática existe uma estrutura de dominação, que por não ser observável, torna-se naturalizada e aceita por todos.

Sua principal contribuição para a sociologia é a ideia de *habitus* ao lado das teorias de campo e dos capitais; o entendimento da ascensão social de uma parcela considerável dos extratos inferiores, no caso de nossa pesquisa os nordestinos, para patamares mais dignos perante a sociedade. A origem do conceito de *habitus* surgiu da combinação de um panorama estruturalista com um olhar atento à subjetividade do contexto social. A chave para unir objetivismo e subjetivismo no âmbito das pesquisas sociais seria utilizar o conceito de práticas para unir a teoria de *habitus e campo*. Assim, o indivíduo através de suas experiências de classe absorve ou corporifica os valores, internalizando de maneira pré-reflexiva, todo um arsenal de atitudes, valores, escolhas e opções que serão utilizados no espaço social ou o que Bourdieu chama de *campo*. “Um campo é um ‘sistema’ ou um ‘espaço’ estruturado de posições. Esse espaço é um espaço de lutas entre os diferentes agentes que ocupam as diversas posições”. (Lahire, 2002, p. 47-48)

Podemos compreender o *habitus* como:

“... um sistema de estruturas cognitivas e motivadoras, ou seja, um sistema de disposições duráveis onculcadas desde a mais tenra infância que pré-molda possibilidades e impossibilidades, oportunidades e proibições, liberdades e limites de acordo com as condições objetivas.” (SOUZA, 2003, p. 43 - 44)

Os indivíduos tem seu *habitus* moldado desde sua mais tenra idade, fazendo com que seja montado um arsenal de conhecimentos que são internalizados de acordo com a necessidade e as relações sociais que o indivíduo cultiva em determinado meio. De acordo com os conhecimentos recebidos, vemos que a mudança de escolhas, gostos, bem como critérios de julgamento é alterada no indivíduo, fazendo com que este *habitus* seja na prática um conjunto de estruturas perceptivas e avaliativas, alterando as escolhas e o modo como

reagir diante das mais diversas situações vividas ou que ainda virão na experiência social. Portanto, *habitus* é aqui passa a ser compreendido como:

um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas (BOURDIEU, 1983, p. 10)

Com este código de conduta inscrito na psique, a reprodução se faz cotidiana, pelos julgamentos e a condução das escolhas diante das situações. Logo, este *habitus* pode ser traduzido como um manual de sobrevivência, com noções gerais de ação social, como utilizar símbolos, sinais, convenções e linguagem. Junto com este aprendizado vem toda uma carga valorativa, que interfere ativamente na experiência social, fazendo com que suas escolhas sejam tomadas baseadas nestes valores. Como essas noções nascem em sua experiência social mais tenra, são neste sentido adaptadas à sua realidade e suas necessidades.

Vimos anteriormente que o *habitus* nasce para regular as ações do indivíduo à sua realidade, como um manual de como agir e pensar em determinadas situações comuns ao seu estrato social ou ambiente de convivência, fazendo com que os comportamentos não destoem do comportamento razoável em determinada situação. Como o acesso a esse arsenal simbólico de valores e códigos de conduta se faz de maneira natural, assim como foi incorporado, esta noção de *habitus* se faz naturalizada, e ao ser utilizada de maneira automática por conta do indivíduo, e assim também se tornando esquecida, uma vez que é natural sua utilização.

O *habitus* está no princípio de encadeamento das ações que são objetivamente organizadas como estratégias sem ser de modo algum o produto de uma verdadeira intenção estratégica (o que suporia, por exemplo, que elas fossem apreendidas como uma estratégia entre outras possíveis). (ORTIZ, Renato. *A sociologia de Pierre Bourdieu*. Olho D'Água, 2003, p. 61.)

Por conta de sua origem, na infância e por conta de sua utilização quase automática, que se confunde com as necessidades físicas e sociais, nasce à virtude e a forma na qual as instituições se materializam nos indivíduos, fazendo com que as diferenças se manifestem e se mantenham de maneira durável, sendo pilar da reprodução institucional.

Contrariando a noção de indivíduo racional, vemos o *habitus* como uma ferramenta que faz as escolhas serem pré-escolhidas, uma vez que carrega em si um arsenal valorativo fazendo com que as mesmas se processem automaticamente e de forma impessoal. Conforme a formação do indivíduo algumas partes deste *habitus* são compartilhadas de forma geral, visando o equilíbrio na convivência e por consequência certa harmonia social. Por outro lado

existem noções de ação e valores que são específicos de determinadas parcelas ou classes sociais, trazendo em si a noção de diferenciação social. A partir desta observação vemos que existe uma dimensão da vida social que acontece de maneira semiautomática por conta deste manual de ações compartilhado por parte dos indivíduos formados em determinada cultura.

A própria reprodução institucional só é possível dada a existência dessas disposições ajustadas a uma finalidade, revivendo e revigorando a letra morta depositada nessas instituições. É o *habitus* que produz a “mágica social” que faz com que as pessoas se tornem instituições feitas de carne. (...) As instituições desse modo precisam estar objetivadas não apenas em coisas e lógicas de funcionamento que transcendem os agentes, mas têm também que estar representadas nos “corpos” e em disposições de comportamento durável. (SOUZA, 2003, p. 45)

Este arsenal conta com uma carga valorativa, que age de maneira a tender sempre para a manutenção do indivíduo em relação aos demais quando consideramos este “código de conduta” compartilhado irrefletidamente. Aqui nasce um ponto de ruptura entre uma parte considerável das grandes Escolas de Sociologia, onde para estas a formação dos indivíduos se dá através da internalização dos valores, adotando uma perspectiva mais racional, especialmente no que tange a reprodução destes valores. Já para Bourdieu, esta incorporação acontece de maneira automática, espontânea e fica naturalizada como se fosse uma impressão inscrita no corpo.

Esse aporte teórico possibilita ver na figura do corpo uma espécie de “DNA social”, ao demonstrar por meio de nossas escolhas ou valores os caminhos que foram percorridos para a construção desta identidade. Desde a postura física a gostos por moda ou leitura são moldadas demonstrando à coletividade a trajetória social dos indivíduos. Neste convívio social temos também a convivência e o conflito, uma vez que Bourdieu coloca no domínio simbólico o *campo*, local onde se desenvolve em sua abordagem a *luta de classes*, diferentemente do que atribuía o alemão Karl Marx.¹⁹ Nas classes mais altas – a elite – os *habitus* são formados de maneira a se diferenciar mesmo que instintivamente das classes imediatamente inferiores, marcando uma posição de destaque na sociedade na busca dos bens simbólicos em disputa em determinada sociedade. Os diferentes *habitus* estão em constante contato trazendo uma carga valorativa entre os mesmos, onde podemos observar uma parte importante da teoria Bourdieusiana em relação ao tema proposto. Percebemos que houve uma modificação no

¹⁹ Para o filósofo Karl Marx a luta de classes se resume no confronto entre a burguesia que dominava os meios de produção e o proletariado que era dono da força de trabalho pela fatia do capital que era destinada a cada parte antagonista. Utilizando este esquema em relação à teoria Bourdieusiana, podemos interpretar a luta de classes como os diferentes *habitus* – atribuídos às diferentes faixas sociais de acordo com a divisão social adotada em questão, disputando pelos bens simbólicos no espaço social, ou para Bourdieu, o campo.

habitus dos indivíduos que conseguiram a mobilidade social, formando assim a chamada “nova classe média” brasileira.

Para Bourdieu, em todas as sociedades existem, independente da quantidade e de como são formadas suas esferas de relações sociais, esquemas naturalizados ou de aparência neutra que escondem mecanismos de dominação. Esta naturalização torna opacos Ester mecanismos de dominação que permeiam as mais diversas sortes de círculos sociais, fazendo com que a aceitação destes fluxos de poder sejam naturais e amplamente aceitos pelos indivíduos, inclusive os massacrados com a assimetria de poder. É importante observar a questão da dominação que perpassa esta *luta simbólica* citada anteriormente.

Bourdieu partiu do pressuposto de que toda sociedade constrói mecanismos mascaradores das relações de dominação que são operantes em todas as dimensões sociais. Seja entre as classes, entre os sexos, ou entre grupos de idade, todas as sociedades, modernas ou pré-modernas produzem mecanismos específicos de “des-conhecimento” que permitem, ao refratar a percepção da realidade imediata, que as relações sociais de dominação ganhem autonomia própria ao “aparecerem” como naturais. (SOUZA, 2003, p. 47)

Este princípio de dominação leva em consideração um cálculo abstrato que considera os diferentes *habitus* dos indivíduos, os classificando socialmente e, por conseguinte, atribuindo uma escala de abrangência social possível dentro dos limites impostos por este mesmo *habitus*. Esta escala de valores abstratos atribuídos aos indivíduos recebe o nome de *Capital Simbólico* por Bourdieu.

Capital simbólico é, nesse sentido, capital negado e travestido. Ele só é percebido como legítimo quando desconhecido enquanto capital. Para Bourdieu, o capital simbólico, juntamente com o capital religioso, parece ser a única forma possível de acumulação quando o capital econômico é negado. (SOUZA, 2003, p. 48)

Apesar de ser nomeado de Capital, o mesmo não é assumido publicamente como moeda de troca, mesmo operando em determinada sociedade e sendo uma característica central na análise e comparação entre os indivíduos. Na realidade é visto como fonte moral de reconhecimento, especialmente em determinadas situações onde o capital econômico é negado ou rarefeito. Nestas situações fica claro o poder de dominação e as ferramentas pelas quais este se processa, uma vez que na ausência de capital econômico, que poderia prover experiências e bens que pudessem contribuir para o arsenal simbólico, ou *habitus* dos indivíduos, um mecanismo de substituição entra em cena, fazendo com que uma compensação moral seja processada e o indivíduo rebaixado considere outros valores como legitimadores de sua existência social.

Percebemos que este *habitus*, como explicado anteriormente, é naturalizado e tem sua gênese nas mais tenras experiências sociais do indivíduo, neste aspecto há uma arbitrariedade no que tange o espectro de abrangência social de determinados *habitus*. Sendo assim, mascaram-se não apenas as origens deste arsenal simbólico, bem como a opacidade de seu funcionamento.

Colocando este *habitus* como principal método de operação das teias de dominação que permeiam as mais diversas sociedades, aproximamos sua interpretação de outro contexto marxista, mas com uma diferente leitura: *mais valia simbólica*²⁰. Além deste mecanismo de dominação que é mais pesado e demanda um custo maior por parte dos dominadores, temos também em sociedades com um sistema econômico mais desenvolvido, mecanismos impessoais e menos dispendiosos operados por parte do sistema de trabalho.

Por ser impessoal, este processo necessita de uma cadeia de instituições e mecanismos para a comprovação da naturalidade do processo, com a falsa sensação de igualdade de condições. Cercados por um sistema escolar que está disponível a todos onde a qualidade do ensino e a qualidade das condições de aprendizado são relevados a um segundo plano, vemos no debate, apenas uma das facetas utilizadas por este processo de dominação para o pleno exercício, com a convivência de todos os participantes.

Com relação ao exemplo do sistema educacional, conseguimos, ao acompanhar o raciocínio de Pierre Bourdieu, classificar claramente as chances de êxito escolar entre um garoto de classe média, estudando em uma boa escola particular e um garoto de periferia, estudando em uma sucateada escola pública. A diferença não vem pura e simplesmente da estrutura desigual que oferece ensino a esses tipos de indivíduos, e sim a toda uma estrutura de aprendizado de como se comportar, do que valorizar, de como conseguir se concentrar, incorporação de regras prioridades oferecidas à ambos desde o berço até a efetiva entrada na instituição escolar.

De maneira análoga, podemos traçar a diferença entre os perfis da classe média estabelecida, e a chamada nova classe média brasileira, especialmente a nordestina, alvo deste estudo, onde apenas com o recente avanço das políticas públicas de transferência de renda e as políticas de microcrédito, pois foi possível levar a estes cidadãos o contato, mesmo que precário com o sistema econômico vigente, abrindo as portas do aprendizado na pele, e da

²⁰ No conceito marxista, a mais valia se refere a diferença entre o valor produzido em benefício pelo proletário, através de sua força produtiva e o salário efetivamente pago pelo burguês dono dos meios de produção. Nesta comparação vemos que relações publicamente promovidas como simétricas, especialmente nos regimes democráticos, revelam uma forma de assimetria por conta dos mecanismos de reprodução da dominação, utilizando em grande parte o capital simbólico.

formação de um *habitus* que tende a se diferenciar da ralé, classe socialmente abaixo deste novo patamar a ser estudado.

Fazem parte da principal vertente de dominação nos capitalismo ditos maduros e avançados, o conhecimento, não só o prático, aplicável ao trabalho, bem como o saber se comportar em determinadas situações, o conhecimento sobre certos tipos de consumo e o bom gosto associado a este consumo, onde vemos o aparecimento de um capital cultural, que pouco se distancia do capital simbólico em termos efetivos, e conseqüentemente fazem com que as esferas superiores conservem sua posse dos bens simbólicos disponíveis e em disputa com os estratos inferiores.

Temos assim uma meritocracia, que disponibiliza os recursos se escondendo por trás da assimetria de formação deste capital simbólico, que age então como ferramenta de dominação. Diante dos recursos escassos e do verniz democrático da sociedade capitalista moderna, se monta o esquema que torna opaco os mecanismos de constituição e transferência deste capital cultural. Quando olhamos o *campo*, local onde os *habitus* se encontram e se classificam, e observando que estão em disputa neste mesmo lugar recursos escassos, conseguimos contemplar o *modus operandi* deste mecanismo de reprodução da desigualdade. Esta sociedade é estruturada na medida em que são distribuídos os recursos diante de cada fração de classe pelo seu potencial de lutar por estes bens simbólicos ou materiais, com o arsenal que lhe foi disponibilizado.

Podemos desenhar uma determinada sociedade delimitando a esfera de ação de seus componentes da seguinte forma. No topo da pirâmide vemos uma elite que além do capital econômico, principal responsável pela manutenção do status e dos bens de distinção operados por tal classe, valoriza seu próprio capital cultural, assegurando para si todo o prestígio social necessário para a manutenção da dominação. Logo abaixo temos a classe média instituída, que não conta com o capital econômico em medidas comparáveis à elite, mas consegue investir em capital cultural, e com este diferencial se apropriando de empregos que exigem trabalho intelectual logo mais valorizado, financeira e socialmente. Este fato os diferenciaria da classe social imediatamente abaixo – e aqui não estão incluídos os indivíduos formadores da dita nova classe média, separados por sua gênese, fato ao qual explicaremos depois. Na base da pirâmide ficariam as classes trabalhadoras e ralé que não contam com um capital econômico, se apropria de ocupações de trabalho braçal, repetitivo e pouco valorizado, social e economicamente.

O recorte que precisa ser feito, como explicado anteriormente é evidenciar o que diferenciou esta dita nova classe média, ou nova classe trabalhadora da ralé, definição social

que se observa imediatamente abaixo. Esse fator de ruptura será demonstrado nas entrevistas que serão apresentadas adiante, é que dois fatos foram fundamentais para a modificação desse *habitus* precário em um *habitus* parcialmente adaptado, e, com isso, conseguindo algum prestígio social que os separassem do estrato inferior.

O primeiro fator que foi fundamental nessa ruptura foi o capital familiar. O comprometimento de uma família estruturada com os pais juntos e a presença ostensiva de um dos dois cônjuges no lar no acompanhamento dos estudos, na postura dos filhos e no comprometimento com a fuga da instabilidade social, tão presente no meio onde vivem. Mesmo acompanhando a família de perto, o trabalho não foge ao horizonte social desta classe, onde se verificam trabalhos domésticos, prestação de serviços e qualquer outro nicho de trabalho que seja possível e produza excedentes que são reinvestidos na manutenção da própria família.

Como dito anteriormente a *ética do trabalho* é o segundo fator de destaque nesta ascensão social, onde a melhora no orçamento das famílias desta classe trabalhadora se deu pelo aumento de jornadas de trabalho ou pela incorporação de diversas atividades nas franjas do trabalho formal, que pudessem acrescentar na renda final das mesmas. Dessa forma temos uma inclusão de valores positivos no *habitus* desta classe, que imediatamente associa a melhora na condição social e de sua própria autoestima ligadas ao mundo do trabalho duro e constante, que fizeram a diferença e viram automaticamente um modelo a ser seguido.

Dentro desta dinâmica de aprendizado, como descrito anteriormente é necessário salientar que não só critérios práticos e de uso restrito aos ambientes produtivos são incorporados por parte dos indivíduos, e sim uma gama de gostos, preferências e valores que acompanharão os indivíduos trazendo uma harmonia ao *habitus* incorporado. Daí também nasce uma importante observação de Bourdieu a respeito de o gosto estar diretamente ligado a classificação social dos indivíduos, servindo como critério de Distinção²¹, nome de seu importante livro, utilizado como referência para este estudo.

Podemos citar nas palavras de Jessé Souza como este gosto pode ser utilizados para fins classificatórios e, por conseguinte, ferramenta da dominação:

O gosto para Bourdieu funciona como senso de distinção por excelência precisamente por separar e unir, constituindo, portanto, solidariedades e preconceitos de forma universal – tudo é gosto! – a partir de fios invisíveis e opacos. É dessa ideia central que se constituía ideologia espontânea da burguesia na alta modernidade, que permite assumir uma aparência de universalismo e de competição em igualdade de condições, de onde a

²¹ BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo, Edusp, 2007.

burguesia sempre retirou sua legitimidade explícita, precisamente sob a assunção implícita de uma distinção natural – ao modo, portanto de qualquer aristocracia pré-moderna – tornada efetiva e possível por meios especificamente modernos e de singular opacidade. (SOUZA, 2003, p. 57)

Essa diferenciação social, que demarca no indivíduo sua origem e o classifica no primeiro contato com indivíduos de classes diferentes, é o motor da *luta de classes* bourdieusiana. Escondendo a luta pelos bens escassos em disputa na sociedade, o objetivo se transforma em termos de “elevação cultural”, por um lugar mais valorizado de sua cultura em determinada sociedade.

Desta forma, a diferença de capitais econômicos e formas de aquisição e transformação dos capitais culturais fica obscurecida sob o verniz democrático de uma sociedade que disputa em “condições de igualdade”. Desta forma os próprios penalizados pela incapacidade de aquisição deste capital cultural aceitam passivamente o funcionamento desta ferramenta de dominação, fazendo com que o esforço para manutenção do esquema seja menor por parte da elite dominante. Esta elite, faz com que o seu capital cultural seja cada vez mais valorizado, se reinventando todas as vezes que alguma iniciativa desenvolve, tornando as formas de aquisição de capital cultural mais acessíveis à indivíduos de extratos sociais inferiores.

Vejamos o ponto de atenção primordial de concentração de esforços que pode ser utilizado para a compreensão desta *luta de classes* boudieusiana:

Quadro 3 – Configuração de capitais por classe social

Classe Social	Capital Cultural	Capital Econômico	Esquema de Trabalho
Classe Dominante	++	++	Forte formação intelectual, posse de capitais que favorecem a geração de lucros sobre lucros. Nenhum trabalho físico
Classe Média Estabelecida	+	+	Trabalho intelectual ocupando posições de destaque e prestígio relativos
Nova Classe Trabalhadora	-	+ -	Ascensão econômica pela ética do trabalho duro, conciliando diversas jornadas de trabalho, dificultando a obtenção de capital cultural.
Ralé	-	-	Pelo habitus precário há dificuldade de obtenção de empregos formais, e desestruturação familiar.

Fonte: Rodrigo Dutra da Silva

É importante observar as características que possibilitam o funcionamento deste esquema de dominação. A elite, dona do capital econômico, justifica esta diferença social com base em sua distinção de gosto e atitudes, mudando o foco da concentração de renda para o merecimento social de suas posições de destaque. A classe média estabelecida, aquela que realmente pode ser chamada deste nome, concentra seus esforços na aquisição de capital cultural, uma vez que a acumulação de capital econômico fica restrita devida à necessidade de reinvestimento em capital cultural para a manutenção de seu espaço de prestígio, ocupando posições alternativas de trabalho intelectual especializado, como donos de pequenas empresas ou funcionários em empresas renomadas.

A nova classe trabalhadora, chamada pela grande mídia de nova classe média, não utiliza do capital cultural, pela deficiência da possibilidade de investimento no mesmo, bem como pela jornada de trabalho encarada como alternativa para a fuga da instabilidade social. Esta jornada pode combinar dois empregos formais ou um emprego formal e várias formas de ganhos alternativos na economia informal ou prestação de serviços. Já o espaço social destinado a ralé, é marcado pela instabilidade social e por ventura instabilidade familiar. Marcados pela inabilidade de lidar com a questão chave para a mobilidade social – a relação com o tempo e o chamado cálculo prospectivo – os mesmos apresentam um *habitus* precário²². Estes indivíduos são marcados por sua dificuldade em lidar com as demais classes sociais, sendo desclassificados por não apresentarem o “bom gosto” e o “bom comportamento” por ausência de contato com o mesmo e assim formando um capital cultural desvalorizado. Com o mercado de trabalho, a inexistência do autocontrole, capacidade de concentração e da baixa absorção dos conhecimentos que deveriam ser apreendidos no ambiente escolar, força os indivíduos ao abandono escolar e por meio deste, condições subalternas de empregabilidade por não possuir as credenciais necessárias para o trabalho intelectualmente digno, sendo reduzidos à pura força de trabalho braçal e repetitivo.

De maneira geral, estes quatro elementos entram em contato no *campo*, protagonizando o modelo de luta de classes absorvido da teoria bourdieusiana. No epicentro desta luta estão os bens simbólicos e através destes o poder de conceder validade ao seu próprio arsenal simbólico, trazendo com isso dignidade e valorização social. Uma vez possuindo o lugar de destaque na interação com as outras classes, os olhos desta sociedade se

²² Por *habitus* precário temos as capacidades inculcadas nos indivíduos incompatíveis com as necessidades demandadas pelo mercado de trabalho e sociedade distinta. Este *habitus* precário que oprime estes indivíduos para o limbo da valorização social retroalimenta o sistema. Sem condições de dignidade as famílias continuam reproduzindo estes valores inadaptados à uma convivência social digna, forçando a estes indivíduos a lutarem contra a inabilidade social sem armas.

voltam e se orientam em direção a apreensão ou um contato mais direto com estas mesmas práticas valorizadas, direcionando o “bom gosto” de todas as outras classes que almejam este reconhecimento social. De acordo com as construções de *habitus*, caras a cada classe, os indivíduos constroem um padrão, semelhante a uma estética específica deste estrato.

Dentro deste movimento é importante salientar, bem distante do bom gosto estético e refinamento social, típico das elites, a incorporação dos valores e hábitos específicos das classes trabalhadoras por parte das classes mais baixas. As duas principais instituições responsáveis por este tipo de aprendizado são a família e a escola. É na família que se forma a estrutura básica de absorção que fará o diferencial no desempenho escolar dos indivíduos. Como vários exemplos que vimos nas entrevistas que seguem este trabalho, vemos que os pais estão cientes, bem como os filhos da necessidade dos estudos para uma vida adulta digna, mas mesmo estes estudantes absorvem esta incapacidade dentro de uma sociedade meritocrática, atribuindo o insucesso escolar à sua baixa inteligência. O que não é demonstrado nos sistemas de avaliação escolar é a falta de mecanismos pré-reflexivos que permita aos alunos absorver não só os conteúdos bem como os exemplos de postura disponíveis em um ambiente escolar e social suscetível a este *habitus*.

Nesta classe, dentro do movimento de distinção movido pelo bom gosto cultural, é complexo avaliar a participação desta classe trabalhadora, bem como a rale, por conta da escassez de capital econômico. Em um ambiente de instabilidade econômica, o gosto esbarra e muitas vezes se confunde com o gosto, deixando esta parcela refém das migalhas disponíveis dentro de sua esfera de ação. Dessa forma, fechando o ciclo de análise desta fração da sociedade dentro das perspectivas dos dois autores citados aqui, vemos nas palavras de Jessé o ponto chave da intersessão das teorias:

Bourdieu percebe claramente os “efeitos” da dependência objetiva da autoestima das classes dominadas seja em relação ao mercado por meio do salário e do status ocupacional, seja por meio da ação do sistema educacional que reproduz ao seu modo, as hierarquias sociais. No entanto, notamos aqui a ausência de uma concepção objetiva de moralidade como a reconstruída por (Charles) Taylor, como vimos anteriormente, mostra-se em toda a sua importância, “se ele pode falar dos “efeitos” ele pouco ou nada pode dizer de suas “causas” e da gênese específica dessas concepções de mundo hierarquizadoras que se fazem notar apenas por seus efeitos através da eficácia de certas instituições fundamentais.” (SOUZA, 2006, p. 61).

5.3 TAYLOR E BOURDIEU – UNIÃO DE CONTEXTOS PARA APREENSÃO DE UMA REALIDADE

Respeitadas ambas as peculiaridades na teoria de cada um dos autores utilizados para a construção do pano de fundo teórico utilizado por este trabalho, bem como a proposição inicial utilizada por Jessé Souza, aqui não há a ambição da criação de uma nova teoria, e sim utilizar os pontos chave de cada teoria para elucidar os pontos observados nas entrevistas que seguem este trabalho.

Em linhas gerais, como proposto originalmente por Jessé Souza, a ideia da comparação entre os autores seria para evidenciar tanto a internalização da hierarquia moral existente nesta sociedade, classificando comportamentos e atitudes com o conceito de Charles Taylor. Além disso é em Taylor que conseguimos explicações sobre os caminhos que traçam as ações dos homens inconscientemente, conflitando com a naturalidade presumida pelo obscurecimento dos motivadores das ações:

Já em Pierre Bourdieu, temos a concepção do conjunto de habilidades sociais incorporada pelos indivíduos, guiando as relações sociais pela carga de valores que vem se desenvolvendo desde sua mais tenra infância em sua fração de classe.

Vemos aqui um ponto de partida que sugere a interseção entre os dois autores, onde nenhum indivíduo utiliza processos completamente racionais, ou recebem a carga valorativa de suas vidas isentos de qualquer intervenção de suas experiências sociais de origem e durante a vida. Ao contrário do panorama racionalista, vemos que por trás do argumento da meritocracia democrática, o obscurecimento destes fatos é uma mola propulsora da dominação por parte da parcela da sociedade que domina a formação deste capital cultural por parte de Bourdieu e da irradiação dos altos estágios da hierarquia moral por parte de Taylor.

Com estas ferramentas podemos entender com maior propriedade o potencial legitimador das distinções sociais, fazendo com que algo que até então se entendesse como naturalizado pudesse ser compreendido como natural e legítimo, e assim desmistificando a máquina de reprodução da desigualdade entre os indivíduos, mantendo o *gap* que os separam entre os dominantes dos bens simbólicos em disputa.

O ponto chave para Taylor com relação às ideias e a implementação do que se pode chamar de topo da hierarquia moral é como estas ideias conseguiram lograr o sucesso nesta empreitada, sendo incorporadas pelos indivíduos como naturais e amplamente reconhecidas como válidas. Em uma discussão densa que é perpassada pela Reforma Protestante, Taylor logrou sucesso ao comprovar – e é brilhante na revelação de que na psique humana, os valores

como trabalho, controle corporal e intensa valorização da moralidade típicas do ascetismo religioso, tão presente na obra de Max Weber²³. A busca por este respeito social, imbutido por conta da ideia de moralidade e comportamento ascético implantado pela Reforma Protestante configuraram uma nova noção de dignidade, e assim, padrão a ser repetido e perseguido pelos indivíduos.

Nessa trajetória, após a consolidação da ideia de indivíduo digno e ascético que tomou o lugar no topo da hierarquia moral outra ideia tomava força com a ascensão do individualismo e as políticas que ressaltavam o direito à diferença. Neste contexto a diferenciação social se dava por meio do critério de indivíduo *autêntico*. Essa autenticidade não invalidava os critérios anteriores de dignidade sendo encarada como um degrau acima da escala social, onde existia um critério anterior de dignidade, seguido por uma necessidade de diferenciação social. Os critérios não são excludentes e sim complementares.

Partindo do ponto de vista Tayloriano, podemos observar com maior riqueza de detalhes como opera a incorporação de uma hierarquia de conceitos nos indivíduos e como a naturalização deste facilita o funcionamento de estruturas de dominação. Nesta dualidade também estão inseridas as formas de trabalho que serão valorizadas de forma diferente entre as frações de classe que a exercem. Trabalhos braçais que exigem repetição e não necessitam de intelecto e sim de força muscular são subvalorizados, mesmo com jornadas exaustivas e gerando baixos salários, uma vez que as ocupações valorizadas exigem trabalho intelectual que só é permitido aos que possuem o capital cultural propagandeado pela elite, ficando assim com a maior fatia dos bens simbólicos em disputa. Aqui entra em cheque o uso da definição “nova classe média” por parte dos trabalhadores que conseguiram atingir um patamar econômico superior. Não existe capital cultural responsável por esta ascensão social, e sim um acréscimo de trabalho braçal, não autêntico que gerou o capital que diferenciou esta classe das demais. Não foi por meio de estudos ou de concursos democráticos que esta parcela da sociedade ascendeu. Os critérios são diferentes, e podem ser observados nas entrevistas que seguem, foi o capital familiar e a ética do trabalho que lograram sucesso. Mas este sucesso foi amplamente propagandeado por uma grande mídia que vende uma verdade rósea, como se o Brasil pela primeira vez atingisse patamares que se aproximem dos vistos no dito “primeiro mundo”. Houve a fuga da instabilidade social por parte desta parcela, mas a duras penas, e os louros desta vitória serão colhidos pelas próximas gerações que conseguirão apropriar-se de um capital simbólico mais elaborado.

²³ Max Weber, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*.

Este capital simbólico valida a escolha de Pierre Bourdieu para a análise de como se processa a incorporação destes valores, e modos sociais de agir, em uma sociedade que tem um modo de pensar irradiado pelas instituições que receberam as hierarquias sociais como dadas e as reproduzem.

A partir deste pressuposto teórico, seguem duas entrevistas que foram feitas com indivíduos que representam o foco deste estudo. Primeiramente a escolha de ambas entrevistas com pessoas do sexo feminino se justifica pela desigualdade de gênero, amplamente estudadas pelas ciências sociais, e por este motivo necessita de prolongada explicação. Escolhendo mulheres para o alvo deste trabalho estamos escolhendo o ponto que concentra a maior força social negativa dentro de nossos pressupostos. O simples fato de operar algum dinheiro com constância no mercado se deu como novidade em ambos os casos, tanto para beneficiárias do *Bolsa Família*, como as credoras do Programa *Crediamigo*. A necessidade de reproduzir as falas das entrevistadas que cederam seu tempo e dividiram seus dramas individuais, que podem ser coletivizados por conta da abrangência das estruturas de dominação que incidiram sobre esta classe. Podemos ver a importância deste instrumento nas palavras de Bourdieu:

“Na transcrição da própria entrevista, que faz o discurso oral passar por uma transformação decisiva, o título e os subtítulos (sempre tomados das palavras dos entrevistados), e, sobretudo o texto que fazemos preceder ao diálogo está lá para direcionar o olhar do leitor para os traços pertinentes que a percepção distraída e desarmada deixa escapar. Eles tem a função de lembrar as condições sociais e os condicionamentos, dos quais o autor do discurso é o produto, sua trajetória, sua formação, suas experiências profissionais, tudo que se dissimula e se passa ao mesmo tempo no discurso transcrito, mas também na pronúncia e na entonação, apagadas pela transcrição, como toda a linguagem do corpo, gestos, postura, olhares e também nos silêncios, nos subentendidos e nos lapsos. (Bourdieu, 1997, p. 10)

6 ENTREVISTA FLORENI – “DO TRABALHO E DA EXPERIÊNCIA, APREENDEU O HOMEM A CIÊNCIA”.

Vimos na obra de Jessé Souza que “os batalhadores” enquadraram-se às cobranças de um mercado de trabalho e de oportunidades pautado por flexibilidade de posições, insegurança permanente e competitividade intensa. Observa-se que esse mercado busca empreendedores e empregados dispostos a sacrificar quase todo o tempo de vida para ser bem sucedido. Mostramos em nosso texto que essas pessoas ainda que tenham melhorado sua renda e seu status social, em relação aos seus pais, trabalham entre dez e 14 horas por dia e levam um estilo de vida muito simples, restritos de capital cultural principalmente.

Esses indivíduos também se encontram, ainda, na busca de consolidação de patrimônio material para deixar aos filhos, uma casa própria por exemplo. Portanto, observa-se que essas pessoas estão situadas entre a “ralé” e a classe média tradicional, compartilham trajetórias de vida parecidas: vieram de famílias desprovidas de capitais sociais e econômicos; possuem a habilidade do empreendedorismo popular; dinamizam a economia e; politicamente, marcam presença significativa nas eleições do país. Um “estoicismo prático do trabalhador”, como chama Jessé, já que perseguem exaustivamente a ideia de viver melhor, “subir na vida”, crescer existencialmente as condições para si e os seus; que segundo o autor é delimitado por estarem entre um “degrau” acima da “ralé”, improdutiva e sem futuro, mas ainda, de toda sorte, um “degrau” abaixo da velha classe média branca e ilustrada.

Floreni é uma dessas batalhadoras que entrevistamos. Com 47 anos de idade, residente a cidade de Recife, proveniente da zona rural de Campina, cidade vizinha, teve que migrar para a cidade a fim de ajudar nos estudos dos filhos. Apesar de residir de aluguel, sua família possui um sítio. Beneficiada pelo Programa *Bolsa Família* há dez anos, demonstra, com sua trajetória de vida, que uma grande parte da população brasileira está empregada, mas a renda familiar ainda é insuficiente para garantir o sustento da família e melhorar as condições de vida dessas famílias.

Antes de descrevermos os *habitus* de Floreni e sua trajetória como “batalhadora” mas ainda em constante convívio em um ambiente ainda fortemente marcado pela convivência com a ralé, vale lembrar como foi constituído o Programa *Bolsa Família*. Já dissemos que o *Bolsa Família* é uma renda mensal disponibilizada pelo governo às famílias mais carentes Criado na cidade paulista de Campinas em 1994, passou a ser implantado também por outros municípios e, que dada à sua funcionalidade e seus resultados positivos, acabou por ser implantado em 2001 pelo governo federal, na gestão de FHC como forma de redistribuição de

renda. A renda varia de acordo com o número de crianças na família, e para que o auxílio seja recebido, as crianças devem estar frequentando a escola regularmente e ter as vacinações em dia. Sobre o *Bolsa Escola*, Floreni afirma que:

Fala de Floreni: Assim, eu votei no Lula desde 89. A fase mais difícil da minha vida foi na época do Fernando Henrique, a gente morava lá no sítio e não tinha benefício nenhum e o leite era muito desvalorizado. Com o Lula, as coisas melhoraram muito, fizeram as Associações Leiteiras, que valorizou mais o leite, e isso ajudou a gente a trabalhar mais e pagar o ônibus pras crianças estudarem. A menina já estava na federal, e o menino começou a fazer o curso técnico. A sorte foi que eles ganharam bolsa de estudo, é o governo dava um dinheiro lá para eles. Logo depois, o menino já tirou o técnico e arrumou um emprego e pegou o financiamento do Minha Casa, minha vida e já tem o apartamento dele. Agora que a menina tá vindo de abrir uma pequena empresa de pesquisa, já foi no SEBRAE, mas não sei como anda. É o governo ajudou muito mesmo, desde o bolsa família, que já dava pra comprar os cadernos e as roupas deles, até as bolsas dos estudos, e até esses programas ae.

Logo, notamos que a *Bolsa Família*, no testemunho de nossa informante, ajudou a irrigar com alguma economia monetária, rincões secularmente esquecidos entre nós. Ainda sobre esse aspecto percebemos que os *habitus* pessoais precários destes indivíduos é relatado como justificativa para uma vida sofrida, marcada pela instabilidade social já que a má distribuição da renda e o desemprego são barreiras ao desenvolvimento econômico do país e representam graves problemas de amplitude social impedindo a essas pessoas de adquirir o recurso mais típico das classes do privilégio que é o “tempo” para incorporação de conhecimento valorizado e altamente concorrido. Logo a visualizamos nas falas que se seguem, da entrevistada, a instabilidade deste *habitus precário*:

O “habitus precário” seria o limite do “habitus primário” para baixo, ou seja, seria aquele tipo de personalidade e de disposições de comportamento que não atendem às demandas objetivas para que, seja um indivíduo, seja um grupo social, possa ser considerado produtivo e útil em uma sociedade de tipo moderno e competitivo, podendo gozar de reconhecimento social com todas as suas dramáticas consequências existenciais e políticas. (SOUZA, 2003; p. 167)

É o caso de Floreni, recebendo, hoje, cerca de um salário mínimo em um consultório médico, diz que, principalmente nas férias o patrão viaja e não paga parte do salário, e nem as férias, e quando volta, atende até oito horas da noite, não pagando a mesma nem uma hora extra. E para compensar à ausência de dinheiro a mesma afirma que fica fazendo uns artesanatos nas horas de folga, toalhas bordadas, cachecóis, bolsas e coletes de crochês que são vendidos por ela ou pela filha para ajudar na renda. Esses são alguns dos dramas da ralé

apresentado no livro de Jessé Souza (2009), dentre eles podemos lembrar a questão da autoconfiança e a incorporação de características ligadas à concentração e o autocontrole, pois são as características mais valorizadas para a absorção dos indivíduos pelo mercado de trabalho.

Fala de Floreni: “e eu aguento tudo quieta, pois a gente sabe que hoje em dia não tá fácil de arrumar outro emprego, inda mais no meu caso que estou velha (47 anos), só fez o ensino fundamental e tenho uns problemas de saúde (pressão baixa). Meu patrão grita comigo, já me chamou de burra algumas vezes, isso porque ele é doutor, doutor com doutorado, pois ele era professor da federal, mas a gente tem que aguentar senão fica sem o emprego. Porque só quem passou dificuldade um dia e muita dificuldade, aguenta desaforo. (...) Dificuldade assim né, de não ter dinheiro para comprar as coisas, de não ter um carro, pagar aluguel todo mês e ir ao mercado com o dinheiro contado e não poder comprar as coisas que se quer.”

Impulsionados pela necessidade material à buscarem empregos ou ocupações para o sustento de suas famílias, que agem como um time, visando ações que se tornem efetivas contra a instabilidade social, o estudo fica em segundo plano. A possibilidade de permitir aos filhos que estudem, comprar uma casa ou terreno para fugir do aluguel entre diversas outras estratégias foram observadas. Outra característica muito presente foi a do pequeno empreendedorismo, a ser destacado nas trajetórias demonstradas a seguir:

Fala Floreni: Bem a gente sempre se virou, principalmente quando veio para cidade. As “crianças” faziam pesquisas, pegam um bico aqui e outro ali, tanto a menina quanto o menino. Saíam de casa cedinho, e voltavam bem tarde da noite. E até no fim de semana estavam trabalhando. A menina na faculdade e o rapaz no curso técnico, público né, mas gastava com aluguel, roupa, xérox. Eu não podia pagar tudo sozinha né, e meu marido nunca ganhou bem vendendo leite. Mas ele também faz uns bicos por fora, roça pasto, faz pimentas, conservas de legumes, temperos, doces, ajuda a manter o sítio e também ajuda a poupar mais também, pois a gente ainda quer comprar um apartamento antes de ficar velho.

Notamos, portanto que, como já apontou Taylor, há uma importância da hierarquização de valores nas concepções de Floreni, pois foram estes que impulsionaram esta classe trabalhadora a se lançar em rotinas sofridas para escapar da instabilidade social. E ainda assim, é nos pequenos exemplos de “batalhas” vivenciadas por ela, seu marido e seus filhos que se validam a teoria onde os batalhadores tiram seus exemplos de valor para continuar a lutar.

Fala Floreni: Assim que a gente mudou pra cidade (eu e as crianças) não tínhamos quase nada de móvel. Pegamos umas coisas emprestadas, TV, mesa. Assim passou o tempo de experiência do trabalho, eu já fui lá nas Casas Bahia e fiz umas compras, comprei um sofá e uma TV. A menina pegou o cartão dela e comprou uma mesa. Dividimos em três vezes para não apertar tanto. Dae a gente vê a importância de ter um emprego, pois esses lugares te deixam parcelar né...”

Mas esta renda extra pode ser utilizada para investimentos em novos mecanismos para a fuga da instabilidade. Antes do investimento em distinção, o investimento prioritário destas famílias é o que permite ou tenta viabilizar uma fuga da instabilidade econômica e social. Cabe lembrar que “De alguma maneira, cada indivíduo é o “depositário” de disposições de pensamento, sentimento e ação, que são produtos de suas experiências socializadoras múltiplas, mais ou menos duradouras e intensas em diversos grupos (dos menores aos maiores) e em diferentes formas de relações sociais.” (LAHIRE, 2004, p. 10)

Fala Floreni: O que eu faço com o dinheiro dos meus artesanatos? Assim, eu não gasto tudo não, pelo contrário. Se dá 100 reais, eu sempre guardo pois não sei do meu dia de amanhã. Se dá mais, eu ajudo o meu marido lá no sítio, comprar ração pras vacas, que é um investimento pois a gente vende o leite delas e quanto mais leite, mais o meu marido ganha...

Estes batalhadores não se mudam de bairro, não investem em viagens desnecessárias e não consomem por impulso.

Fala Floreni: A gente mora aqui no bairro há seis anos. Desde que eu vim para cidade que eu moro aqui, tem uns parentes aqui e o bairro é calmo. O preço do aluguel também é bom (350 reais), e eu tenho pavor em morar nesses bairros pobres. Imagina, a gente que vai pro sítio, volta e não acha nada. (...) O dinheiro já é pouco, e eu não tenho luxo não, não saio para lugar nenhum, nem tenho carro e nem tenho capricho. Deixa para quando meu marido aposentar e eu já tiver meu apartamento, ae eu posso dar umas voltas (...) Assim comprar eu não compro não. Eu até vejo as lojas, as vitrines, mas acho um absurdo os preços. Agora que a minha filha tá com negocio de bazar, eu andei indo em alguns e acho tudo que preciso lá. Fico chocada de como rico desfaz de coisa boa. E tem coisa muito boa e barata lá, vê se eu vou ficar comprando roupa de marca.

Fica evidente, nas falas de Floreni que a poupança está correlacionada a dois fatores; o medo de ficar pobre novamente, como se a pobreza já fosse um obstáculo vencido, e não vivenciada de formas opacas diariamente, e passar “dificuldades financeiras” e a possibilidade de ascensão social, por meio de um investimento futuro dessa poupança (chegar um momento da vida não é preciso mais trabalhar demasiadamente) .Ainda vemos aqui a proximidade com a ralé e a importância em se manter distante, onde podemos compreender que o marco

distintivo desta fração de classe que de distingue é o medo da marginalidade e de ser confundido com esta parcela que ainda não incorporou critérios de ação social para romper com a necessidade de furtar ou ser desonesto para a satisfação de suas necessidades mais primárias.

Nas conversas de Floreni, expõe-se a dominação simbólica exercida contra essa parcela da população, por parte da classe média tradicional. As horas tarde que ela chega em casa, por causa do trabalho no consultório médico, e a dualidade de sua vida com a de seus patrões. Lazer, férias, viagens não existem na vida de Floreni. Ela divide as poucas horas vagas com a ida para a casa do esposo no sítio, local que segundo ela, passa trabalhando com na horta e na casa, organizando todos os afazeres para o marido, além dos doces e conservas que os mesmos fazem para “tirarem uma renda extra”. Tudo isso contrasta com a vida de seus patrões que passam as férias na Europa, que moram em um condomínio de luxo em Recife, e que gasta com produtos que custam o “preço de seu salário”.

Fala Floreni: Eu não entendo como pode gastar tanto, compram um monte de coisa e ainda fazem questão de não pagar em dia, aposto que não falta dinheiro, mas eu tenho que trabalhar, não posso fazer nada. O que me salva sempre é um trocadinho ou outro que a gente ganha vendendo um tempero, um doce, mas o ruim é não poder atender quando me pedem. Tem dia que eu fico mais tempo no consultório e o tempero fica pra depois. Eu podia até pegar o dinheiro adiantado e falar que entregava depois, mas não posso passar de caloteira, prometeu tem que cumprir. Imagina meus filhos vendo isso, eu nem ia poder cobrar nada deles. Enquanto isso eu vou aguentando, atrasa mas sempre paga, a gente rebola daqui e dali e sempre arruma um jeito, o que não pode é desistir.

Observando esta realidade sofrida e encarada como missão para conseguir lograr um sucesso relativo em sua fuga completa da instabilidade social, vemos que o *Bolsa Família* ajudou como suporte financeiro em vários momentos de sua trajetória social. Anexo a este fato, vemos como a ética do trabalho duro, que excede o seu expediente no consultório de seu patrão são as armas com as quais Floreni conta para acumular algum dinheiro para assegurar a formação de seus dois filhos. Este capital familiar, e a necessidade de juntar o máximo possível para investir no sustento de sua família aponta um lado empreendedor, mesmo que ainda sem nenhum vínculo com o modelo de empreendedorismo observado nas escolas de administração fomentam estratégias de trabalho em franjas de mercado que propiciem algum rendimento extra. Este ponto é o fundamental a ser observado aqui. Uma vez beneficiária do programa Bolsa Família, o sustento imediato de suas necessidades mais básicas se faz presente, fazendo com que os esforços se voltem para algum rendimento extra. Na entrevista com Floreni vemos claramente dois momentos distintos a serem de suma importância para

seu desenvolvimento social: Em primeiro lugar é a segurança criada pela renda fixa recebida por conta do Bolsa Família e em segundo lugar as iniciativas paralelas que foram criadas para a geração de renda extra, iniciativas individuais, ainda que precárias para aproveitar quaisquer oportunidade de ganhos de capital. Fazendo trabalhos caseiros, como a fabricação de temperos e conservas, vemos que existe um traço de empreendedorismo que pode ser aprimorado com um possível investimento no aumento da produção. Aqui o habitus precário funciona como um mecanismo de impedimento no desenvolvimento de sua trajetória. O medo de voltar a ser pobre, que ofusca sua pobreza ainda latente impede que Floreni se lance em um iniciativa individual que visa aumentar a produção e comercializar em tempo integral seus produtos que tem uma aceitação relativamente boa por conta de seus consumidores, em geral, pessoas na mesma condição de classe desta batalhadora, ou como podemos notar na fala de Floreni:

Fala de Floreni: Se eu pudesse eu ainda faria mais, mas não posso dar um passo maior que a perna né? Tenho que honrar meu compromisso. Não posso prometer uma coisa que não posso cumprir, mesmo que eu não ganhe mais um pouquinho. Tem gente que até encomenda uma conserva, um doce, pedem alguma coisa do sítio, mas eu só recebo depois de entregar pra elas, pra não dar dor de cabeça, mas que eu poderia vender mais, isso com certeza.

Quando questionada sobre a possibilidade de investimento em sua produção caseira por conta de empréstimos de microcrédito vemos o medo da instabilidade econômica aflorar novamente em Floreni, pois por demonstrar um rigorismo econômico extremo, o pavor de deixar um compromisso bancário, até então impossível de ser vivenciado em sua fração de classe, agir como um bloqueio de suas disposições, impedindo seu crescimento.

Aqui, retomamos o argumento iniciado por Pierre Bourdieu, onde vemos que sem uma vivência mínima em um sistema até então desconhecido por Floreni, não permitiu que se desenvolvessem as inclinações individuais necessárias para assumir os riscos, mesmo pequenos para apostar em investimentos mais ousados, ainda que simplórios nesta fração de classe, e o que marca significativamente a diferenciação entre os beneficiários do *Bolsa Família* que decidem dar um passo significativamente importante em direção ao microcrédito. Contudo, com experiência e com o apoio do time familiar, vemos que esta disposição se instala e fazem com que alguns integrantes oriundos da Ralé se lancem nestas iniciativas individuais e logrem sucesso, como o caso da entrevista que veremos a seguir.

7 ENTREVISTA ANA – “ONDE NÃO SE TIRA, NÃO SE COLOCA, É ASSIM QUE DIZ O DITADO NÉ?”

Em uma fração de classe onde a instabilidade social impera, uma parcela especial de indivíduos que vieram da ralé e foram amparados, como vimos na entrevista anterior, pelo Programa *Bolsa Família*, lograram sucesso por pertencer a uma pequena parcela de Batalhadores Empreendedores, que a partir de iniciativas individuais ou com apoio da família conseguiram se estabelecer através de algum tipo de comércio ou prestação de serviços. Estes empreendedores individuais em nada lembram o perfil de traçado pelas faculdades de administração de empresas e a mídia especializada em economia. Por se tratar de uma franja de mercado com maior abertura à estes indivíduos, o comércio e o setor de serviços são os tipos mais frequentes de histórias bem sucedidas a respeito de ascensão social.

Os programas de microcrédito como o *CrediAmigo* do Banco do Nordeste atuam como parceiros destas iniciativas individuais ou familiares, fornecendo não só o capital necessário para o desenvolvimento econômico, mas também promovendo palestras e cursos, aprimorando os conhecimentos na área econômica e administrativa, aumentando assim as chances de sucesso dos pequenos empreendedores.

Com 15 anos de história o programa faz parte de uma iniciativa federal e tem como alvo justamente fortalecer e desenvolver iniciativas de pessoas extremamente pobres, com empréstimos coletivos que vão de R\$100,00 a R\$6000,00 e podendo ser renovados com valores de até R\$15000,00 de acordo com o porte do negócio. Este modelo se assemelha bastante ao do Prêmio Nobel de Economia Amartya Sen, com um programa Indiano que forneceu microempréstimos de até U\$100,00 para famílias de regiões agrárias. O que diferencia os dois programas é o nicho de atuação dos investidores contemplados com este capital, uma vez que no Brasil o uso se concentra no setor de serviços e comércio.

Os dados do *CrediAmigo* são motivadores, e seguindo a linha de raciocínio proposta na concepção teórica deste trabalho, nos revelam alguns mecanismos de dominação que impediam anteriormente o acesso destes empreendedores ao mundo do crédito e em decorrência o acesso a uma vida mais digna e desenvolvida. Afastados pelos altos juros cobrados pelas instituições financeiras, justificados pelo SPREAD²⁴ e inflacionado pela taxa

²⁴ Diferença entre o valor pago pela captação de recursos para operação no mercado e o valor pago pelo usuário deste crédito, tendo como componentes impostos e uma margem contra a inadimplência, o que inflaciona os valores exorbitantemente, uma vez que a taxa de inadimplência nos CrediAmigo é de menos de 1% conforme o boletim do BNB

de inadimplência, mesmo quando esta não apresenta altas taxas, vemos que esta *margem* como é traduzida realmente afasta os pequenos empreendedores e enriquecem os donos destes recursos, reforçando a teoria Bourdieusiana das ferramentas de dominação.

Este programa que além de uma taxa exemplar de menos de 1% também tem a animadora taxa de lucro de R\$ 50,00 reais por operação, num total de 10,7 mil operações por dia nos 6 primeiros meses de 2012. O montante movimentado pelo programa foi de 1,96 bilhões de reais com 1,2 milhões de clientes ativos²⁵. Entre estes clientes 62% são mulheres, que mesmo apresentando rendimentos inferiores aos homens, tem resultados animadores no contexto do programa.

Ana Rita é um exemplo de batalhadora que colheu positivamente os efeitos da evolução do Programa *Bolsa Família*. Vinda de uma família que recebia este benefício, viu no comércio popular uma alternativa de vida. Vinda de uma família de 4 pessoas – pai, mãe, irmão e ela – durante o seu expediente de trabalho contou um pouco sobre sua vida e como o Programa *CrediAmigo* melhorou sua condição de comerciante.

Em uma idade avançada para o trabalho pesado, mas ainda impossível de sucumbir ao peso de sua obrigação junto a sua pequena banca de comércio, Ana no alto dos seus 47 anos conta um pouco de sua história e sua vida, marcada pela instabilidade, mudanças de ramo e as consequências de sua rotina exaustiva em uma grande e famosa feira de pequenos comerciantes situada em Caruaru, em Pernambuco.

Os empréstimos adquiridos foram responsáveis por uma boa taxa de conversão não são simples “investimentos acertados”. Junto com a sensação de dever embutida em cada parcela paga há um valor moral implícito, a necessidade do pagamento em dia ou até com antecedência, como justificativa de vida digna dentro da concepção da fração batalhadora, obrigando os pertencentes a esta fração de classe, lutar contra qualquer adversidade, comercial, familiar ou de saúde para a quitação das parcelas a vencer e assim, nas palavras de Ana, “dormir com a cabeça tranquila no travesseiro”.

A carga que ainda será descrita durante sua entrevista demonstra em palavras o caminho percorrido por este corpo franzino, de aparência frágil, mas de fala firme e determinada. Com dificuldades para andar, Ana Rita passa a maior parte do dia em sua banca, uma conquista recente, resultado de muito trabalho. A rotina de Ana se inicia as 03:30 da

<http://www.bnb.gov.br/Content/aplicacao/Grupo_Principal/Nordeste_Noticias/conteudo/nordeste_noticias_detalhes.asp?lstrCodNoticia=3281> Acessado em 10/11/2012

²⁵<http://www.bnb.gov.br/Content/aplicacao/Grupo_Principal/Nordeste_Noticias/conteudo/nordeste_noticias_detalhes.asp?lstrCodNoticia=3281> Acessado em 10/11/2012

manhã, com as rotinas de casa – que demonstra o agravante de sua posição de classe x gênero – uma vez que o marido aposentado por invalidez não consegue ajudar na rotina de casa. Limpeza, cuidados com as roupas e preparo da alimentação, inclusive a dela, a ser consumida na banca quando não consegue ser rendida por sua prima Fernanda, que ajuda no empreendimento de Ana.²⁶

O movimento na feira é intenso e cada cliente que chega é uma chance de venda a mais no dia a dia sofrido de Ana. É importante notar que mesmo concedendo a entrevista, seus olhos sempre focam nas pessoas que passam em frente de sua barraca, e qualquer resposta é interrompida de pronto para o atendimento aos fregueses que por ali frequentam. O movimento é vivo, mas isso não garante as vendas. A concorrência é grande, e é muito comum observar as disputas entre os diferentes expositores, segundo palavras da própria Ana:

Fala de Ana: “Tá vendo, esse mundaréu de gente que passa aqui todo dia e eu já passei um dia inteiro sem vender uma peça só, tem dias que a gente atende 200 pessoas e vende pra uma só, e tem que abrir e mostrar tudo, senão já viu né? Volta como veio pra casa, aí a gente queima uma gordurinha que tem, um produtinho mais velho. Mas se gritar e der certo, rapidinho vem outro gritando mais barato e o povo fica pulando de banca em banca, porque tem que economizar, não tá fácil pra ninguém”.

E com o movimento oscilando entre os melhores dias – segundo Ana o dia 10 de cada mês e especialmente no fim de ano, quando o movimento tanto de turistas como de consumidores locais – o rendimento da barraca fica em torno de R\$900,00 a R\$1400,00 reais por mês, Ana ainda não aparenta gostar da instabilidade nas vendas e sempre procura diversificar o estoque, buscando em novos fornecedores para se diferenciar dos demais concorrentes da extensa feira onde trabalha. Neste ponto da entrevista entra vemos como os fatos foram se desencadeando para tornar o *CredAmigo* indispensável para o desenvolvimento do aprendizado econômico de Ana.

Antes de negociar sandálias femininas na Feira de Caruaru, Ana começou sua vida de comerciante ainda na casa dos pais, no bairro Boa Vista II, onde Ana fazia lanches para revender na própria feira, mas ainda sem um ponto de venda.

Fala de Ana: “Minha mãe fazia faxina, lavava roupa pra fora e sempre sobrava um tempinho pra me ajudar a fazer uns quitutes pra levar pra feira. Quando meu pai me deu o meu primeiro isopor foi a maior alegria do mundo, eu conseguia vender e manter fresquinho, porque tinha cliente que não gostava do lanche vir amassado na sacola que eu usava antes, desse ponto em diante minha vida virou aquela feira.”

²⁶ É comum observar nos empreendimentos da feira a existência de pessoas ligadas à família do responsável pela barraca sem algum vínculo formal de trabalho, recebendo abaixo do salário mínimo e sem uma jornada fixa de trabalho. Nota-se também uma rigidez por parte do responsável da banca para com o exercício da função, ampliando a desigualdade do agregado ao negócio.

Com o tempo e vivenciando a realidade da feira as ambições de Ana foram se voltando para o comércio de roupas da feira, onde existem três modalidades de vendedores: os que abrem uma lona no chão, no entorno da feira e sempre estão sujeitos aos policiais e agentes da prefeitura que apreendem as mercadorias das pessoas não autorizadas a negociar, os comerciantes que tem barracas, que podem ser cobertas ou não, sendo as ultimas mais caras e valorizadas, e por último os comerciantes que possuem lojas físicas ou *boxes*, sendo estes os mais estruturados comerciantes da região.

Segundo palavras da própria entrevistada, os seus fornecedores tem preços diferenciados para atacado e varejo, e com o pouco que tinha infelizmente não poderia diversificar tendo que comprar mais mercadorias básicas, disputando em nível de igualdade com a grande maioria dos comerciantes do local. Em sua primeira empreitada de comércio de roupas, Ana investiu cerca de 300 reais que juntara com o comércio de lanches em um pequeno mostruário de peças íntimas. “Eu vendia tipo de porta em porta, Comecei a desembolar no comércio, oferecia pras vizinha, pro pessoal da feira, mas não vendia porque não podia mostrar, ai não vende mesmo, mas eu não desistia”.

Ana, vislumbrando a maior taxa de lucratividade no ramo de roupas íntimas ainda não havia deixado completamente os lanches, vendendo os dois por um período de seis a oito meses, tentando juntar mais dinheiro para montar um estoque e assim conseguir agradar a freguesia que ainda engatinhava neste segmento. Junto a dificuldade de aumentar o estoque estava a impossibilidade de ampliar o tempo para o pagamento das mercadorias, fazendo com que promoções ou queimas de estoque fossem frequentes, próximas as datas de vencimento das notas promissórias do fornecedor de Ana, e o que demonstra seu rigorismo econômico e o senso de responsabilidade com o nome, segundo ela, seu maior patrimônio: “Menino, era a coisa pior do mundo saber que você não pode deitar no travesseiro com a consciência tranquila! Eu em 26 anos que morei com minha mãe e depois que casei com o Januário, nunca ninguém bateu na minha porta pra cobrar, isso sim é meu maior orgulho do mundo”.

Estes entraves de capital de giro, mesmo desconhecidos em teoria por Ana, faziam com que o seu crescimento econômico aparecesse na prática. Com prazos curtos variando de 15 a 30 dias no esquema de revenda limitavam os lucros, impedindo novos investimentos. Mas a ética do trabalho se mostrou forte quando Ana foi questionada sobre como ela conseguia juntar dinheiro para compra de mercadorias a vista, conseguindo melhores preços e podendo trabalhar com uma margem de lucro mais elástica: “Eu ia juntando tudo que podia, comigo já não tinha frescura, então passou a ser tudo por conta de mercadoria. A gente só

mexia por conta da necessidade de casa e algum problema que sempre acontece, um remédio, um remendo na casa, tirando isso era tudo no cofrinho”.

Juntando todas as economias, Ana finalmente deu o seu primeiro passo para a mudança definitiva de ramo na feira de Caruaru. Com sua primeira leva de mercadoria toda paga a vista, com prazo para negociar, foi a vez de conquistar um espaço melhor para expor e conquistar uma freguesia fiel, uma vez que não havia espaço garantido nas ruas que circundavam as feiras, agregadas à necessidade de venda dos lanches, até então a atividade principal de Ana no comércio. Com produtos e um nicho de mercado a ser trabalhado na feira, Ana arrendou um espaço na banca de Maria, uma aposentada de 68 anos que perdera a ajuda da filha para gerir sua banca coberta, conseguida com um esforço semelhante ao desempenhado por Ana. Este aluguel segundo Ana, era a melhor coisa que já acontecera, pois livraria do fardo de ser coagida a sair, perder mercadorias e ser vista como uma “ilegal” dentro do comércio na feira. Aqui vemos que a esfera simbólica de valor social que é individual de Ana falou mais alto, fazendo com que esta vitória agisse ativamente em sua autoestima, concedendo-lhe animo para continuar na trajetória de se estabelecer enquanto comerciante.

Nesta etapa, Ana conheceu a primeira vitória em sua trajetória mas foi também o divisor de águas em sua jornada, tendo novas responsabilidades na administração de seu empreendimento. “Eu tinha que pagar 400 reais pelo por um espaço pequeno assim (mostra um espaço de aproximadamente um metro quadrado com as mãos, espaço originalmente arrendado da banca de Maria) e tinha que negociar minhas mercadorias rápido, pra poder fazer giro e conseguir pagar as contas”. Nesta etapa, Ana enfrentou o maior desafio como comerciante, tendo que lutar contra concorrentes que vendiam produtos semelhantes, sem nenhum capital de giro, diante do investimento assumido no arrendamento do espaço.

Em 2010, a figura do *CrediAmigo* entra em cena, no papel de visitas feitas por equipes do Banco do Nordeste, visando divulgando e captando novos clientes para o programa, fazendo cadastros. O programa faz empréstimos em grupos de 3 a 12 pessoas e sempre associam uma data de pagamento em conjunto, o que fortalece o vínculo entre os comerciantes e gera um compromisso coletivo de pagamento. Ana se juntou ao grupo com Maria, com quem dividia a banca e mais outros 2 comerciantes próximos. Na concepção de Ana ela gostaria de pegar o empréstimo sozinha, remetendo novamente ao seu rigorismo econômico: “Esse negócio de se responsabilizar pelos outros não dá não, aí o sujeitinho folga, dá canseira pra pagar e é você que fica sem dormir, mas a gente cerca, pega compromisso e tem que pagar no dia, senão não pega o empréstimo de novo”.

Há dois anos e meio aproximadamente no programa *CrediAmigo*, Ana mudou recentemente de ramo e assumiu a banca de Maria, que não consegue mais dar conta do dia a dia pesado de uma feirante de Caruaru. Com uma banca inteira para negociar, foi a vez da mudança de ramo, que exige um investimento mais pesado para compra de mercadorias, mas na escala evolutiva dos negócios na feira é um patamar que confere um pouco mais de solidez, uma vez que não são todas as pessoas que conseguem juntar um montante de capital para negociar calçados. Nas palavras de Ana, este crescimento fez a diferença:

Fala de Ana: “Olhe, era muito ruim ter que vender a mesma coisa que todo mundo vende, olhe por aí, quanta gente vendendo calcinha e sutiã. Com calçado é mais fácil negociar, porque ninguém quer andar queimando a sola do pé! Mas é mais difícil negociar porque tem que ter tamanho, tem que variar de cor, tem que vender pra criança, homem e mulher. Pra atender mais ou menos olha o tanto de coisa que eu tenho que trazer (Ana mostra uma pilha de sandálias de borracha, que somam aproximadamente 40 pares espalhados por uma banca de aproximadamente dois metros quadrados)”.

Os empréstimos também vão crescendo de acordo com os pagamentos anteriores, e no caso de Ana se iniciaram com um empréstimo de R\$600,00 e hoje somam R\$1300,00 graças ao comprometimento e a pontualidade do grupo, apesar da discordância dos integrantes. Mas contrariando a estatística, segundo dados do Boletim do Banco do Nordeste que divulga os indicadores do *CrediAmigo*, a inadimplência é restrita ao apenas 1% dos usuários do programa, fazendo com que a carteira seja lucrativa e consolide várias trajetórias semelhantes a de nossa entrevistada.

Com a possibilidade de um acesso ao capital econômico, mesmo que limitado, vemos na reconstrução da trajetória de vida de Ana dois movimentos que podem ser traduzidos em uma só direção, a fuga da instabilidade, mesmo que ainda não efetiva, experimentada no degrau anterior. Primeiramente ela buscou por produtos com maior valor agregado e com menos concorrência, trocando sempre que sua percepção implícita de mercado vislumbrava uma chance melhor. Em um segundo momento, vemos que a busca pela estabilização de um ponto de venda, o reconhecimento de ter um lugar certo, poder constituir freguesia e o fato de poder afirmar para si própria que o esforço valeu a pena repercute diretamente na condução de seu negócio, por maiores que sejam os desníveis em seus rendimentos.

Quanto ao aprendizado direto, como previsto no programa *CrediAmigo*, vemos que a conversão em práticas que alavanquem as vendas ainda não é realizada com sucesso. Junto às diretrizes do programa, vemos que existem cartilhas e palestras sobre formação gerencial, práticas de comércio, administração financeira e temas afins. Quando questionada sobre estas iniciativas, vemos que Ana ainda não enxerga valor prático nestas iniciativas. Vemos aqui a

falta de um *habitus* preparado ao aprendizado formal. Nas palavras de Ana: “Eles até vieram aqui, trouxeram uns papéis, mas era tudo mas era tudo conversa fiada, aqui a gente aprende é negociando mesmo! Tem gente que é ruim de pagar, tem mês que a gente passa aperto, mas sempre vai levando né, enquanto tem saúde, não pode parar não”.

Mesmo com a organização de palestras por parte do Banco do Nordeste, Ana Rita afirma que nunca participou de nenhuma por falta de tempo e por não acreditar em aprender algo que realmente faça a diferença em seu negócio. Apesar de utilizar em alguns contextos jargões frequentemente associados à administração de empresas, observamos que na prática estas categorias não existem firmemente consolidadas no empreendimento de Ana. Questionada sobre a contabilidade das vendas e o controle do capital de giro, investimento e demais categorias administrativas, vemos que não existem conforme as definições básicas. Com relação ao capital conseguido no empréstimo do *CredAmigo*, vemos que não existe uma definição bem estruturada entre o que deve ser utilizado para compra de novos produtos e o que deve ser utilizado para consumo próprio, tornando a previsão de despesas um pouco obscura no diálogo com Ana Rita:

Fala de Ana: “Bem, investimento a gente faz na hora né? A gente viaja pra comprar mercadoria com o dinheiro na mão e sempre traz uma novidade, enche um buraco que tá faltando na banca e assim a gente vai fazendo, pagando e comprando de novo”.

Quando questionada sobre o controle das vendas, vemos um esboço de controle arcaico que nem sempre reflete a real condição das vendas da banca:

Fala de Ana: “Eu controlo aqui tudo muito simples né? Eu vendo uma sandália de R\$ 20, 00 eu marco na caderneta, e assim eu vou anotando tudinho que sai, porque senão você empenha R\$600,00 reais de mercadoria e não sabe onde foi parar né?”

E quando questionada sobre o capital de giro da banca, não há nenhuma ferramenta de controle, fazendo com que não exista uma fronteira real entre o dinheiro de Ana e o que pertence ao negócio: “Bem, eu não controlo onde eu gasto o dinheiro não, sabe? Eu vou usando, guardo uma reserva em casa, porque sempre tem problema de doença, Januário é adoentado, então todo cuidado é pouco. Nos dias que eu tô pra viajar, eu dou uma apertada no cinto e junto um dinheirinho pra poder empenhar em mercadoria, senão eu não vendo também.”

O controle de contas e investimentos conforme este relato se dá de maneira informal, mas aqui vemos que o rigorismo econômico está sempre em alerta, onde Ana por repetidas vezes alega que o orgulho dela é pagar a vista e sempre adiantado, o que além do rigorismo

econômico, desperta o interesse em poder controlar o tempo, diferenciando o habitus precário dos integrantes da ralé, desta nova categoria de batalhadores que engatinha rumo ao cálculo prospectivo.

E reforçando as características desta nova classe trabalhadora, que tem né ética do trabalho duro sua maior vitória contra a instabilidade social, a resposta recebida quando questionamos qual é o maior medo de Ana em seu negócio, obtendo as seguintes respostas: “Ah, medo eu tenho é de ficar doente e não conseguir trabalhar, deixar minhas contas correr, isso sim é a coisa pior do mundo”. Como citado por Bourdieu (2007) em *A Distinção*, estes indivíduos tem apenas ao corpo e algumas disposições precárias para o exercício do trabalho, e associada à inexistência de alguma assistência material ou plano de saúde, aumentam o temor da incapacidade para o trabalho. Desde a alimentação vemos que o funcionamento deste *habitus* de classe é voltado para o condicionamento físico ao trabalho duro com refeições fartas e ricas em carboidratos.

Questionamos qual seria a maior vantagem de ser dona do próprio negócio e pode ser independente e recebemos a seguinte resposta: “O bom é saber que eu posso fazer meu horário e ter o meu dinheiro, não depender de marido, sabe? Posso abrir um pouco mais tarde quando eu estiver cansada, ou fechar mais cedo que é o que eu faço nos dias de paradeira, não tenho patrão me mandando fazer tudo, isso é bom!”. Sob essa falsa aparência de liberdade, vemos no restante do discurso de Ana Rita uma visão que não corresponde à realidade, pois como tem o empréstimo, contas e precisa fazer a mercadoria girar, sempre existe uma jornada mais extensa, uma preocupação nos dias em que o movimento é fraco e sempre é tempo de batalhar. Este comentário não vislumbra a realidade que não há separação entre o empreendimento e a vida privada, tornando a feira uma espécie de “prisão invisível”, onde tudo é voltado para o empreendimento, e todos os esforços se voltam para a estabilização da banca, e suas contas, salvo algumas exceções de ordem médica ou segurança, segundo Ana, as coisas mais importantes em sua ordem de prioridades.

Diante destes relatos é inegável o benefício convertido pelos programas de microcrédito, e especialmente o *CrediAmigo*. Muito além de levar a capacidade de investir e empreender à pessoas até então à margem do mercado econômico, sendo ele formal ou informal, vemos a experiência de ter dinheiro e poder aprender com os erros e acertos das escolhas no gerenciamento de seus negócios o grande trunfo do programa. Estes investimentos em habitus não são computados, mas as experiências práticas do dia a dia permitem a conversão dos próximos investimentos em lucros maiores, e refletindo diretamente sobre o consumo destas famílias, conforme dados disponíveis da FGV (

Fundação Getúlio Vargas) ²⁷. Mas independente de critérios econômicos, o local de formação da classe não pode ser obscurecido, devendo ser ponto chave para a elaboração de novas metodologias de ensino andragógico, permitindo a incorporação de conhecimentos que possam acelerar e incrementar o arsenal simbólico em desenvolvimento, agora em contato com um pequeno, mas primordial contato com o capital econômico.

²⁷ Microcrédito, Dinâmica Empresarial e Mudança de Classe: O Impacto do Crediamigo. Disponível em WWW.fgv.br/cps/crediamigo2 Acessado em 04/11/2012

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Remontar os sentidos dos diversos atores e realidades sociais, articulando e refazendo os caminhos sob a ótica de ver o *por que* foi tomada uma escolha ou atitude diante das várias ações possíveis se mostra um caminho bastante frutífero na apreensão de uma realidade social. Além de compreender o movimento dos atores, chegamos ao momento de gênese de determinado comportamento ou ação, podendo assim mapear todo o seu desenvolvimento e criando abordagens alternativas sobre o problema advindo de tal prática.

O pensamento alternativo proporcionado pela sociologia crítica abre novos horizontes, rompendo paradigmas e fornecendo pontos de vista alternativos, que podem não solucionar os problemas descritos, mas fornecer um outro ângulo de análise, fornecendo evidências para novas tentativas ou abordagens desta realidade.

Apesar do crescimento desta suposta classe C e da notória recuperação do Brasil diante das crises econômicas que assolaram o mundo nos últimos anos, todo este processo trás, além de boas inovações, fatores perversos e que devem ser alvo de uma detalhada análise, pois os mesmos interferem nas gêneses das classes sociais, o núcleo duro da reprodução da desigualdade social.

Toda esta movimentação na economia faz com que as fronteiras entre as classes se movimentem, remexendo a estrutura de classes – utilizando a nomenclatura de Bourdieu – e assim fazem com que as classes sociais construam novas ferramentas ou critérios para a separação dos estratos diretamente inferiores. Além desta movimentação e das trocas de estratégia que ocorrem durante os momentos de mudança, é importante salientar que algumas parcelas da sociedade caminham com toda essa herança social, independente de sua situação financeira, por todo seu caminho, invalidando a tese de que uma pessoa que está um real abaixo da dita classe C, opere uma mudança fundamental na sua vida, caso alcance um patamar econômico de dois reais acima. Este é o principal fato que invalida todo o discurso sobre as classes sociais, medidas levando em consideração apenas a renda.

Anexo a este fato, vemos que esta forma de pensamento continua a ser o fator primordial para o sucesso ou não de políticas sociais de qualificação. No ideário social consta que elevando os anos de estudo e os postos de trabalho, a eliminação da miséria é certa, esquecendo obviamente que certas classes precisam se estruturar nos âmbitos familiares para então oferecerem alicerces firmes para evolução proporcionada pela educação.

Distante da crítica feita massivamente de que o Programa Bolsa Família é eleitoreiro e assistencialista, e que supostamente jogaria os usuários na “malandragem”, vemos que os

recursos do programa, segundo dados já citados de Marcelo Neri compõe apenas 18% da renda total da classe E, invalidando de pronto este argumento. Já o Programa *CrediAmigo* é taxado como não lucrativo, pois seria possível operar o mesmo montante de capitais no mercado com taxas mais altas, supostamente aumentando a lucratividade. Mas o maior benefício deste programa está além da lucratividade. Estimada em R\$50,00 reais por carteira, e sim no benefício social trazido por este investimento. Por este benefício social vemos a incorporação de características pessoais incorporadas em situações que não seriam possíveis sem os empréstimos.

Ambos os programas utilizam recursos para trazer realidades até então distantes, fazendo com que os indivíduos que já tem as hierarquias sociais incorporadas – no sentido Tayloriano – tomem contato com realidades que possibilitem a conversão de renda em capacidades de ação, aprendizado e demais características sociais que os tornem mais aptos a conviver nesta disputa de bens simbólicos no sentido Bourdieusiano.

Vemos nas trajetórias individuais aspectos que não são apreendidos nos questionários que formulam as principais estatísticas do país, e, por conseguinte formam uma parte da ideia que o brasileiro faz de si próprio. Com este alarmado crescimento econômico que pela primeira vez fez a parcela economicamente média ser a maior do país esconde por quais caminhos percorrem estas pessoas para esta melhora, e aí esta o trunfo de utilizar este argumento. Esconder por quais tortuosos caminhos trilham estes brasileiros que distante da ideia de classe média estabelecida, não se utilizam de capital cultural e muito menos de um domínio constante de capital social para tal vitória.

Assim como a proposta da sociologia de Pierre Bourdieu, absorver as narrativas apreender as realidades são fatores primordiais para o exercício da sociologia crítica. Compreender os sentidos e como são articulados os valores por parte dos usuários dos programas, tanto de distribuição de renda, como de microcrédito é fundamental para dois fatores: Melhorar o perfil dos serviços e benefícios oferecidos para o usuário e para apreender a efetividade dos serviços prestados.

Pensar apenas em benefícios imediatos por parte das políticas públicas é um erro metodológico e político grave e pode interferir na formação de juízo da população a respeito destas iniciativas. Julgar o *Bolsa Família* como programa de eleitoreiro e que acostuma os beneficiários à malandragem é extremamente comum no senso comum, mídia e redes sociais.

Uma das ideias que mais repercutiu na rede, foi a de suspensão de direito de voto aos usuários do programa social, alegando explicitamente o caráter eleitoreiro deste²⁸.

Já os programas de Microcrédito sofrem de uma crítica que vai do caráter lucrativo das carteiras, uma vez que seu *funding* poderia ser destinado a investimentos que servem aos grandes conglomerados financeiros, ampliando teoricamente o número de empregos formais, resolvendo assim o problema de desemprego e posteriormente possibilitando a ascensão social. Em outro ponto o desempenho do programa pode ser superestimado, sob a ótica do empreendedor brasileiro que é completamente diferente do perfil de investidor que o mercado está acostumando a levar como referência, e com este empreendedor em mente, as políticas “esqueceriam” o potencial de aprendizado que o programa necessita dispersar.

Penetrar no âmago da questão social brasileira significa não só ler como o país está estatisticamente falando, mas sim, mergulhando nas trajetórias individuais, revelando seus dramas e aplicando sentido à reconstrução de suas narrativas, para realmente entender sua realidade.

No contato com ambas as realidades, pudemos destacar como é importante a vivência de esferas antes distantes da realidade destas duas frações de classe observadas como inventivo e assistência em uma realidade até então negada. Assim com esta movimentação de realidades sociais, a movimentação do habitus é latente. Todos os componentes precisam ser agrupados para o sucesso destas políticas públicas, ou caso o contrário, nenhum benefício em longo prazo tão contundente como os que tentamos recriar aqui será obtido.

²⁸ Para maiores informações e crítica ao movimento ver <http://direito.folha.uol.com.br/1/post/2013/06/recebe-bolsa-familia-sem-direito-a-voto.html> Acessado em 13/08/2013

REFERÊNCIAS

BANCO DO NORDESTE, Nordeste conjuntura mensal: boletim econômico , mai. 2010. Disponível em: <http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/etene/etene/docs/conjuntura_mensal_mai_2010.pdf>. Acessado em 10/07/2011.

BOURDIEU, Pierre. O desencantamento do mundo: estruturas econômicas e estruturas temporais. São Paulo: Perspectiva, 1979.

BOURDIEU, Pierre. A distinção: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Editora Zouk, 2007.

IBGE. Contas regionais: PIB do Piauí cresce 8,8%, maior alta de 2008. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1756&id_pagina=1>. Acessado em 21/06/2011.

LAHIRE, Bernard. Retratos sociológicos: disposições e variações individuais. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LAHIRE, Bernard. A cultura dos indivíduos. Porto Alegre: Artmed, 2006.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL: 2010. Transferência de renda e emprego formal. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/bolsafamilia/mural/especial-bolsa-familia-7-anos-1/artigos/transferencia-de-renda-e-emprego-formal-romulopaes>>. Acesso em 21/06/2011.

NERI, Marcelo. *A nova classe média: o lado brilhante dos pobres*. Rio de Janeiro: Editora FGV/CPS, 2010.

NERI, Marcelo. *Pagando a promessa do microcrédito: Institucionalidade e impacto quantitativos e qualitativos do CrediAmigo e do Comunidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV/CPS, 2009.

NERI, Marcelo. *Microcrédito, dinâmica empresarial e mudança de classe: o impacto do CrediAmigo*. Rio de Janeiro: FGV/IBRE/CPS, 2008.

ORTIZ, Renato. *A sociologia de Pierre Bourdieu*. Olho D'Água, 2003

POCHMAN, Márcio. Nova classe média: o trabalho na base da pirâmide social brasileira. São Paulo: Editora Boitempo, 2012.

REGO, Walquiria Leão. Vozes do Bolsa Família: Autonomias, dinheiro e cidadania. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

SENNET, Richard. *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. 13ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SOUZA, Jessé, ÖELZE, Bertold. *Simmel e a Modernidade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.2005.

SOUZA, Jessé. *A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

SOUZA, Jessé. *A invisibilidade da desigualdade brasileira*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

SOUZA, Jessé. *A ralé brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

SOUZA, Jessé. *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Pioneira Editora, 1967.